

LIVRO DE RESUMOS

VII ENCONTRO DE BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS

OS MUSEUS DA MACARONÉSIA EM REDE



Outubro 2025

- 23** Universidade dos Açores
- 24** Auditório do Centro Natália Correia
- 25** Museu Militar e Museu Carlos Machado

ORGANIZAÇÃO

PONTA DELGADA

CHAM AZORES

EN TORDES COOPERANTES

APÓIOS

GOVERNO DOS AÇORES | **VICE-PRESIDÊNCIA DO GOVERNO** | **Região Autónoma da Madeira** | **Governo de Canarias** | **ASPAS ERUTUOSO FUNDAÇÃO** | **UAS UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

Este projeto, com a referência M3.3.B.OIKG.R.C.007/2025, recebeu financiamento da Direção Regional da Ciência, Inovação e Desenvolvimento, através do Sistema de Incentivos PROSCIENTIA.

VII Encontro de Boas Práticas Muscológicas:
os Museus da Macaronésia em Rede

***VII Encontro de Boas Práticas Museológicas
Os Museus da Macaronésia em Rede***

***Ponta Delgada, S. Miguel, Açores
23 a 25 de outubro de 2025***

VII Encontro de Boas Práticas Museológicas:
os Museus da Macaronésia em Rede

COMISSÃO CIENTÍFICA

Presidente

Susana Goulart Costa (Universidade dos Açores | CHAM)

Vogais

Elena Acosta (Presidente do Comité Científico do Congresso de Museus das Canárias)

Isabel Soares de Albergaria (Universidade dos Açores)

Maria Ángeles Alemán Gómez (Universidade de Las Palmas de Gran Canaria)

Maria Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

Rita Rodrigues (Direção Regional da Cultura da Madeira)

Susana Serpa Silva (Universidade dos Açores | CHAM)

Francisco Maduro-Dias (Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação

Duarte Nuno Chaves (UAc | CHAM)

Vice coordenação

Aleida Sofia Aguiar B. Monteiro (Instituto do Património Cultural de Cabo Verde)

Vogais

Christian Jacques Perazzone (Governo das Canárias)

Helena Melo (Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores)

Idalmy González González (Universidad Nacional de Educación a Distancia, UNED)

João Paulo Constância (Museu Carlos Machado | Direção Regional da Cultura dos Açores)

José de Almeida Mello (Museu Hebraico Sahar Hassamaim – Portas do Céu)

Manuel Favita Marchã (Museu Militar dos Açores)

Márcia de Sousa (Diretora do Museu de Arte Contemporânea da Madeira)

Sílvia Fonseca e Sousa (rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores)

Vítor Castelo (Associação Portuguesa de Museologia | Museu de Angra do Heroísmo)

Organização



UAc, bam
BIBLIOTECA, ARQUIVO E MUSEU
UNIVERSIDADE DOS AÇORES



Entidades Cooperantes



Rede de Museus e
Coleções Visitáveis
dos Açores

Apoios



GOVERNO
DOS AÇORES

VICE-PRESIDÊNCIA
DO GOVERNO



Região Autónoma
da Madeira
Governo Regional



Gobierno de Canarias



UAc
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES

SUMÁRIO

Comissões Científica e Organizadora	p. 4
Programa	p. 6
Nota introdutória	p. 11
Fazer museologia... em Rede	p. 12

Conferência de abertura

Fátima Roque	p. 15
--------------	-------

Resumos

Helena Melo, Maria das Mercês Freitas e Mariana Narciso	p. 17
Andreia Morgado	p. 19
Vítor Hugo Baptista Gomes Luís	p. 20
Mário Figueiredo e Ana Magalhães	p. 21
Lucília Maria de Vares Vieira de Sousa	p. 23
Desidério Sargo e Raquel Cunha	p. 24
Paulo Farias	p. 25
Maria Luísa Freitas Spínola	p. 26
Rita Machado Dias	p. 27
Teresa Viveiros	p. 28
Vítor Brasil	p. 29
Rogério Medeiros	p. 30
Carmen Dolores China Brito	p. 31
Wellington Nascimento	p. 32
Margarida Freitas e Fernando Líbano	p. 33
Graça Maria Nóbrega Alves	p. 35
Maria Manuel Velásquez Ribeiro	p. 36
Alexandre Reis e Fernanda Vaz	p. 37
Bruna Roque, Sílvia Fonseca e Sousa e Valério Moniz	p. 39
Andreia Silva	p. 41
Márcia de Sousa	p. 42
Idalmy González González	p. 43
Aleida Monteiro	p. 44
Alexandra Gomes	p. 45
Ana Maria Gonçalves	p. 46
Jorge A. Paulus Bruno	p. 47
Yolanda Peralta Sierra	p. 49
Rita Rodrigues	p. 51
Teresa Lousa	p. 53
Maria João Baptista Pacheco da Silveira	p. 54

Conferência de encerramento

João Neto	p. 56
-----------	-------

PROGRAMA

Quinta-feira, 23 de OUTUBRO

LOCAL 📍 Aula Magna

09h00 | Abertura do Secretariado (hann do Edifício da Aula Magna – Piso 0)

09h30 | Mesa de Abertura

10h00 | **Conferência de Abertura:** *Boas práticas museológicas: a felicidade da incompletude*. Fátima Roque – Coordenadora da Rede Portuguesa de Museus

10h45 | Inauguração da Exposição UAc 50 Anos – Hall do edifício da Aula Magna (piso 0)

11h00 | Momento de *Networking* (Hall do edifício da Aula Magna – piso 0)

12h00 | Pausa para almoço (Almoço livre)

LOCAL 📍 Anfiteatro Norte da Aula Magna

1º Painel | Coleções de museus, um tema crucial

Moderadora: Cláudia Faria

14h30 | Um caminho, um destino, um projeto – UAc.Museu. Helena Melo, Maria das Mercês Freitas e Mariana Narciso – BAM.

14h50 | “Quinta das Cruzes”. As memórias de um Lugar, a génese de um Museu. Andreia Morgado – Museu Quinta das Cruzes.

15h10 | A Fotografia como Guardiã da Memória: O Papel do Museu de Fotografia da Madeira na Preservação da Identidade Insular. Vítor Hugo Baptista Gomes Luís – Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's.

15h30 | O Museu de Santa Maria e as suas coleções: a interação entre a museologia e a educação. Mário Figueiredo e Ana Magalhães – Museu de Santa Maria.

15h50 | Debate

16h00 | Pausa para café

2º Painel | Os programas educativos, pedras angulares da participação e da transformação social

Moderadora: Idalmy González

16h20 | O desafio da educação museal: diálogos e práticas do Museu da Baleia da Madeira. Lucília Maria de Vares Vieira de Sousa – Museu da Baleia.

16h40 | MUDAS em movimento: Formação contínua de equipas na dinamização dos museus. Desidério Sargo e Raquel Cunha – MUDAS.

17h00 | Pela Lente de Laudalino da Ponte Pacheco: Mediação e Públicos no Museu Carlos Machado. Paulo Farias – Museu Carlos Machado.

17h20 | Debate

17h30 | **Encerramento dos trabalhos**

LOCAL 📍 **Anfiteatro Sul da Aula Magna**

3º Painel | Os programas educativos, pedras angulares da participação e da transformação social

Moderadora: Isabel Soares de Albergaria

14h30 | Serviço Educativo e Mediação Cultural – Um incentivo à curiosidade. Maria Luísa Freitas Spínola – Casa Colombo – Museu do Porto Santo e dos Descobrimentos Portugueses.

14h50 | “Museu dos 0 aos 100” – A mediação cultural no Museu da Horta. Rita Machado Dias – Museu da Horta.

15h10 | Museu de Lagoa – Açores: práticas educativas e envolvimento comunitário. Teresa Viveiros – Museu de Lagoa.

15h30 | Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo. Vítor Brasil – Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

15h50 | Debate

16h00 | Pausa para café

4º Painel | Estratégias e Boas Práticas Museológicas

Moderador: Vítor Castelo

16h20 | Boas práticas museológicas: contributos para uma abordagem de conservação preventiva no Museu Municipal da Ribeira Grande (núcleo-sede). Rogério Medeiros – Câmara Municipal da Ribeira Grande.

16h40 | Plan de salvaguarda de colecciones del Museo de Historia y Antropología de Tenerife. Incorporando variables de sostenibilidad. Carmen Dolores Chinae Brito – Museo de Historia y Antropología de Tenerife.

17h00 | Saberes e Práticas de Tocar a Viola da Terra dos Açores. Wellington Nascimento – CHAM / CHAIA / DRaC.

17h20 | A Lapinha de Francisco Ferreira, o Caseiro – projeto de parceria para a sua musealização. Margarida Freitas e Fernando Líbano – Casa-Museu Frederico de Freitas e Museu Etnográfico da Madeira.

17h40 | Debate

17h50 | Encerramento dos trabalhos

Sexta-feira, 24 de OUTUBRO

LOCAL 📍 **Auditório do Centro Natália Correia**

09h30 | Conferência de Abertura

Christian J. Perazzone – INNOCULTURA para la Macaronesia

10h15 | Pausa para café

5º Painel | Coleções de museus, um tema crucial

Moderadora: Helena Melo

10h30 | A arte divina: a coleção de ícones do Museu de Arte Sacra do Funchal. Graça Maria Nóbrega Alves – Museu de Arte Sacra do Funchal.

10h50 | Diacronia de um conceito: a coleção e o “fazer museológico”. Maria Manuel Velásquez Ribeiro – Museu de Angra do Heroísmo, CHAM-A, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

11h10 | Gestão de Coleções: Contributos para a elaboração de um Manual de Política de Incorporações no Museu Militar dos Açores. Alexandre Reis e Fernanda Vaz – Museu Militar dos Açores.

11h30 | Dinâmicas Colaborativas e Formativas em Museologia: o estudo e a documentação das coleções de Numismática e Medalhística do Museu Carlos Machado. Bruna Roque, Sílvia Fonseca e Sousa e Valério Moniz – Museu Carlos Machado.

11h50 | Debate

12h00 | Pausa para almoço (Almoço oferecido aos participantes pela Câmara Municipal de Ponta Delgada)

6º Painel | Museus e Redes em espaço insular: desafios e estratégias de gestão

Moderadora: Sílvia Fonseca e Sousa

14h00 | “Um Museu para todos – acessibilidade no Museu das Flores” – a implementação do projeto e os seus impactos. Andreia Silva – Museu das Flores.

14h20 | Redes de Museus em contexto insular: Realidade ou utopia? Márcia de Sousa – MUDAS.

14h40 | La Red de Museos de Canarias: quimera o realidade. Idalmy González González – Rede de Museus das Canárias.

15h00 | Museus de Cabo Verde – Panorama Geral. Aleida Monteiro – IPC.

15h20 | Debate

15h30 | Pausa para café

7º Painel | Participação dos cidadãos e desenvolvimento sustentável dos museus

Moderadora: Márcia de Sousa

16h00 | A indústria açoriana como elemento unificador cultural: o caso do Museu Francisco de Lacerda. Alexandra Gomes – Museu Francisco de Lacerda.

16h20 | Dicionário de Linhas e Tecidos: de Cabo Verde ao Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino. Ana Maria Gonçalves – ARTIS – Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

16h40 | A participação dos cidadãos no desenvolvimento sustentável do Museu de Angra do Heroísmo. Jorge A. Paulus Bruno – Museu de Angra do Heroísmo.

17h00 | Debate

17h10 | Visita ao Museu Hebraico Sahar Hassamaim

Sábado, 25 de OUTUBRO

LOCAL 📍 Museu Militar dos Açores

8º Painei | Participação dos cidadãos e desenvolvimento sustentável dos museus

Moderador: Manuel Favita Marchã

09h30 | Repensando la museología desde la perspectiva de género: ejemplos en los Museos y Centros de Arte de Canarias. Yolanda Peralta Sierra – Universidad de La Laguna.

09h50 | Contribuição de Investigadores externos aos museus (regionais): Construção e cruzamento de saberes. Rita Rodrigues – Direção Regional da Cultura (Madeira).

10h10 | Pausa para café

10h30 | Museologia de Género: da Teoria à Prática – O Legado de Lurdes Castro no MUDAS. Teresa Lousa – CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa; CIEBA – FBAUL.

10h50 | No caminho da inclusão. Maria João Baptista Pacheco da Silveira – Museu Carlos Machado.

11h10 | Debate

11h30 | Visita Guiada ao Museu Militar dos Açores

12h30 | Pausa para almoço (Almoço oferecido aos participantes pelo Museu Militar dos Açores)

LOCAL 📍 Museu Carlos Machado (Núcleo de Arte Sacra)

15h00 | **Conferência de Encerramento:** *A Alice do País das Maravilhas e os Caminhos da Museologia*. João Neto – Presidente da Associação Portuguesa de Museologia

15h45 | Momento Musical

16h15 | Sessão de Encerramento

16h30 | Inauguração de Exposição

Nota de Abertura

Os Encontros de Boas Práticas Museológicas são uma iniciativa do CHAM, unidade de investigação universitária, ligada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL) e à Universidade dos Açores (UAç), que desde 2017, em colaboração com as autarquias e os governos regionais dos Açores e Madeira, procura proporcionar momentos de troca de experiências e debates sobre os desafios enfrentados por todos os intervenientes e partes interessadas nos processos e experiências museológicas.

As três primeiras edições tiveram lugar na ilha de São Miguel, tendo a primeira edição decorrido no Museu Vivo do Franciscanismo, na cidade da Ribeira Grande, onde foram discutidas questões relacionadas com as boas práticas de inventário. A segunda edição, foi realizada no Museu Municipal de Lagoa e centrou-se no papel dos serviços educativos e de mediação, bem como na sua articulação com as demais áreas/funções dos museus. Por fim, a terceira edição dos *Encontros*, aconteceu no Centro Municipal das Atividades Culturais da Vila do Nordeste, focado nos problemas e desafios do turismo como público dos museus.

A quarta edição decorreu nas cidades de Angra de Heroísmo e Praia da Vitória, na ilha Terceira, centrando os seus debates no intercâmbio entre museus insulares. Este quarto encontro permitiu alargar o debate aos arquipélagos vizinhos da Madeira e das Canárias, num quadro de conhecimento e reforço das identidades insulares e atlânticas.

A cidade do Funchal foi palco da quinta edição dos Encontros, que ocorreram no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira e no Museu da Eletricidade - Casa da Luz, Funchal, Madeira. Nesta última edição, os debates centralizaram-se no tema “museu e seus públicos”, com a participação de profissionais da Madeira, dos Açores e das Ilhas Canárias.

O ano de 2024 marcou a total internacionalização destes Encontros, com a realização simultânea com a IV edição do *Congresso de Museus de Canárias*, ocorrida nos dias 14 e 15 de novembro, na ilha de Fuerteventura, Canárias. Os eventos, que contaram com a participação, pela primeira vez, de uma representação dos Museus de Cabo Verde, decorreram sob o tema “Museus, Participação e Transformação Social” e tiveram como objetivo explorar o papel essencial dos museus na sociedade contemporânea, reunindo profissionais do setor museológico dos quatro arquipélagos da Macaronésia.

Em 2025 os Encontros regressam ao arquipélago dos Açores, mais precisamente à cidade de Ponta Delgada e contam com uma organização conjunta do CHAM Centro de Humanidades, Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, Câmara Municipal de Ponta Delgada/Museu Hebraico Sahar Hassamaim, Museu Carlos Machado e Museu Militar dos Açores.

O VII ENCONTRO DE BOAS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS: *Os Museus da Macaronésia em Rede* que realizar-se-á de 23 a 25 de outubro, terá como designio dar continuidade aos resultados práticos dos encontros acontecidos em Fuerteventura (2024), nos quais se decidiu a constituição de uma Plataforma Colaborativa dos Museus da Macaronésia. Esta proposta, comum de discussão museológica, visa partilhar boas práticas e fortalecer técnica e cientificamente as instituições com funções museais. Essa colaboração permitirá que especialistas partilhem conhecimentos sobre a gestão das suas coleções, promovendo uma maior coesão no trabalho desenvolvido em cada território.

Ponta delgada, 19 de agosto de 2015

Duarte Nuno Chaves

Fazer museologia... em rede

Os museus gostam de se ver como espaços especiais, e são.

Entre outras, partilham com as escolas a função educativa, com os centros culturais a troca de visões das coisas, com as praças públicas e assembleias a discussão pública e política, com as salas de espetáculos e de cinema a fruição estética e artística de conteúdos, formas e materiais. Guardam materiais e memórias, permitem visitar e revisitar, vezes sem conta, ideias e modos de ser de povos, comunidades e indivíduos.

A sua linguagem, preferencial e preferida, a museologia, extravasa, porém, e muito, o espaço dos museus.

Como arte de utilizar elementos de memória material e imaterial, para informar as gentes e suscitar os espíritos, a museologia pode aparecer em qualquer lugar, sem ser uma sala e pode reunir elementos de apoio, os mais variados.

As gentes são gentes que habitam os territórios, gentes que nasceram neles, gentes que, durante alguns dias apenas, estão “por aí” tirando selfies, visitando lugares, comendo, dormindo, andando, sentindo.

Os elementos de apoio, materiais uns, imateriais outros, mas registados em algum tipo de suporte, são e serão, sempre, resultado de uma escolha que se pretende criteriosa e científica, mas que, as mais das vezes, resulta de muita sorte.

Kenneth Hudson, o fundador do prémio Museu Europeu do Ano, disse-me uma vez, no alto da Memória, em Angra do Heroísmo, em 1991, que estava cada vez mais convencido disso.

Afirmava que, por muito que se queira e estabeleçam regras, as peças que entram nos museus e ampliam os seus acervos e colecções, acabam quase sempre por entrar, fruto mais da sorte de ainda existirem e do olhar de alguém arguto, que de critérios apertados e lógicos de escolha.

Acontece, pura e simplesmente, porque alguém reconhece algum tipo de valor de uso a esses tipos de memória, não importa se objeto ou registo, valor de uso inspirador de descobertas e impulsionador de novos e diferentes olhares.

Em termos museológicos, uma caneta BIC é tão importante e relevante como um pedaço da escultura do Partenon, um quadro de Kandinski, um arado indu, uma talha de vinho do Alentejo, uma espada com lâmina de Toledo, uma rede de pesca da Cidade Velha de Santiago, um pedaço de forma de pão de açúcar, encontrado no Funchal ou no Machico, ou a Cueva Pintada na Gran Canaria.

Em todos os casos é o olhar humano que transforma uma dada coisa em valor com referência cultural e, logo, os diferentes olhares criarão tantas “peças” quantos os olhares que poisarem sobre essa mesma coisa.

Trabalhar em rede, seja a partir de um espaço museológico mais clássico, seja a partir de uma colecção visitável, seja a partir de um acervo qualquer, localizado em sítio menos habitual, será propiciar tantos olhares quantos os possíveis, promovendo a visão do visitante sobre o local e do local sobre o universal, criando tantas conexões quantas as possíveis, em cada momento.

Trabalhar em rede é propor que cada um, cada instituição, cada grupo de interesse, baseado num tema, procure similitudes ou diferenças, lembranças ou propostas de descoberta, partindo de peças, memórias e registos.

Trabalhar em rede, mais do que levar as peças a viajar, em exposições temporárias, é levar cada um a ver o que há de diferente e de igual, de memória de passado e de questionamento sobre o presente e o futuro, de inspiração criativa ou de fruição, em cada peça, acervo ou registo que tenha próximo de si, lançando depois o olhar sobre os vizinhos, perguntando-lhes o mesmo, comparando, crescendo em humanidade, conhecimento e cultura.

VII Encontro de Boas Práticas Muscológicas:
os Museus da Macaronésia em Rede

Se os museus e colecções são casas das musas e, portanto, lugares de inspiração e de olhares sobre o passado e o devir, a museologia é a conversa, sempre renovada, com as peças e memórias, connosco e com os outros.

Angra do Heroísmo, 19 de agosto de 2025

Francisco Maduro-Dias

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Aula Magna | Universidade dos Açores

23 DE OUTUBRO DE 2025

Fátima Roque

(Coordenadora da Rede Portuguesa de Museus).

Boas práticas museológicas: a felicidade da incompletude.

Nota Biográfica

Atual: Coordenadora da Rede Portuguesa de Museus/ Museus e Monumentos de Portugal

Atual: Presidente do Conselho Intergovernamental do Programa IberoMuseus, em representação da Museus e Monumentos de Portugal (mandato 2025/2027)

2022/2023: Diretora do Departamento de Museus, Monumentos e Palácios/Direção-Geral do Património Cultural

2020/2022: Assessoria e Produção/ Coleção de Arte Contemporânea do Estado/ Direção Geral do Património Cultural

2020/2021: Direção de Comunicação/ Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado/ Direção Geral do Património Cultural

2018/2020-Assessora da Direção para a área de Museus/Direção-geral do Património Cultural

2019/atual:

- Representante nacional na Mesa Técnica de Sustentabilidade do Programa IberoMuseus
- Direção Editorial da Revista de Museus
- Investigadora - literatura e artes - Universidade Nova

Anterior:

2013/2017-Directora do Departamento de Cultura - programação cultural, com particular enfoque na área da museologia e património, arte contemporânea, colóquios, formação, encontros com escritores, ensaístas, artistas. Co curadoria de exposições. Gestão de recursos humanos. Planeamento estratégico. Coordenação do Museu do Neo-Realismo e Direção do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (núcleo-sede e cinco núcleos museológicos).
Programação cultural e gestão da Fábrica das Palavras.

Complementar:

Experiência no domínio da comunicação empresarial, assessoria de imprensa e gestão de equipas. Dirigente de serviços nas áreas de: comunicação e relações públicas, programação cultural, museologia e património.

Formação: Doutoramento em Estudos Portugueses, especialidade Literatura (com Tese no domínio da relação literatura -filosofia.), Pós-Graduação em Cultura Portuguesa Contemporânea e Licenciatura em Comunicação Social.

RESUMOS

Helena Melo
Maria das Mercês Freitas
Mariana Narciso
(BAM Universidade dos Açores)

Um caminho, um destino, um projeto – UAc.Museu.

A 9 de janeiro de 1976 cria-se o Instituto Universitário dos Açores (IUA), um sonho tornado realidade, e, na sua complexa conceção tripolar, alguns dos seus serviços essenciais – entre eles, os Serviços de Documentação nos três polos.

Esses serviços exerciam as suas atribuições nos domínios da recolha, tratamento e difusão da documentação e informação com interesse para o ensino e a investigação científica empreendidos na universidade, bem como a coordenação técnica e integração funcional das bibliotecas nela existentes.

Com a transformação do IUA em Universidade dos Açores (UAc) em 1980, mantém-se a designação de Serviços de Documentação. Porém, com a publicação em Diário da República, de 11 de agosto de 2016, dos novos estatutos da Universidade dos Açores, estes serviços são extintos e, em seu lugar, como Unidade de Extensão Cultural, cria-se a Biblioteca, Arquivo e Museus (BAM) da Universidade dos Açores.

Esta unidade de extensão cultural, de carácter transversal, integra as bibliotecas centrais localizadas nos campi universitários, e tem por missão as atribuições dos antigos Serviços de Documentação, bem como a conservação e preservação das coleções bibliográficas, documentais e museológicas existentes na universidade, contribuindo, assim, para a aprendizagem, investigação, formação contínua e desenvolvimento cultural e social dos cidadãos que dela usufruem.

Com esta missão, inicia-se a caminhada para a constituição efetiva do UAc.Museu.

Notas Biográficas

Helena Melo fez os seus estudos iniciais, com formação científica e pedagógica na área de Matemática, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil, obtendo equivalência ao mestrado na área de Álgebra, pela Universidade de Coimbra, e o doutoramento em Matemática, área de especialidade Álgebra, pela Universidade dos Açores. É professora auxiliar da Faculdade de Ciências e Tecnologia, no Departamento de Matemática e Estatística, sendo a sua coordenadora, bem como diretora da Biblioteca, Arquivo e Museu, coordenadora da Comissão Executiva da Academia das Artes e membro do Centro de Estudos Humanísticos, no âmbito da Universidade dos Açores. Desenvolve atividades de docência, investigação, divulgação científica e extensão, nas áreas de Álgebra, Geometria, História da Matemática e Educação Matemática. Promove ações de formação e organizações de workshops, colóquios, seminários e congressos, na área de Matemática e afins. Tem por *hobby* todas as manifestações relacionadas com a Arte.

Maria das Mercês Freitas nasceu em 1965, na freguesia de Santa Cruz, cidade de Lagoa. Estudou até ao 9º ano no antigo Convento dos Frades da Lagoa e, posteriormente, frequentou a Escola Secundária Domingos Rebelou completando o 12º ano.

É funcionária da Universidade dos Açores, mais concretamente, da BAM desde 1987, tendo formação na área. Apesar de não ter hábitos de leitura é no meio dos livros que se sente realizada. Gosta de desafios que implicam uma dose de criatividade e de vez em quando gosta de surpreender os colegas com uns docinhos.

Mariana Narciso nasceu a 24 de janeiro de 2002 em Ponta Delgada, onde sempre residiu. Amante de livros e de tudo o que é antigo, licenciou-se em História pela Universidade dos Açores, em cuja Biblioteca, Arquivo e Museu atualmente estagia. Durante os estudos, estagiou brevemente como revisora do Correio dos Açores e do Diário dos Açores. É, desde 2023, Secretária da Direção do Grupo Folclórico Ilha Verde. Nos tempos livres, toca guitarra, canta, lê e redige prosa e poesia, sempre acompanhada pelo seu gato, Orfeu.

Andreia Morgado

(Museu Quinta das Cruzes)

“Quinta das Cruzes”. As memórias de um Lugar, a génese de um Museu

O Museu Quinta das Cruzes está instalado numa propriedade cuja ligação aos primeiros capitães donatários do Funchal a identifica numa das residências mais antigas desta cidade.

Este espaço que, desde o século XV assume a função de moradia, assim permaneceu durante cerca de cinco séculos, sob a proteção das famílias que aqui habitaram e que contribuíram para a sua preservação e valorização.

A transformação deste lugar conhecido como “Casas das Cruzes”, no século XVI, para “Quinta das Cruzes”, tem origem a partir de uma conjuntura histórica e social que marcou a Ilha da Madeira entre os séculos XVII e XIX, responsável por influenciar a vivência e gosto estético das classes abastadas da época.

Este gosto particular está profundamente marcado nos diferentes espaços edificados desta propriedade, que a caracterizam como *Quinta Madeirense*, fator preponderante para a sua classificação, em 1947 como *Imóvel de Interesse Público*.

A génese da vocação deste museu nasce a partir do *espírito do lugar*, preservado e valorizado através das coleções de Artes Decorativas que constituem o acervo do museu, como ainda do seu projeto museográfico que transforma a exposição permanente em ambientes de uma casa senhorial.

O museu é a continuidade desta memória e os seus bens culturais são os testemunhos que sustentam a Identidade Cultural da Quinta das Cruzes.

Nota Biográfica

Andreia Filipa Vicência Morgado, natural do Montijo, é licenciada em Ciências da Educação e exerce funções no Museu Quinta das Cruzes desde 2010, na área do serviço educativo.

Entre os anos de 2006 e 2009, integrou o secretariado do *Projeto MUSEUMAC – Rede de Museus Madeira, Açores e Canárias*, financiado pelo INTERREG III B, onde participou a par com a equipa da extinta Direção Regional dos Assuntos Culturais, entidade responsável pelo projeto, na organização de exposições, conferências e catálogos, entre outras iniciativas em coordenação com as regiões parceiras.

Desde 2006 que participa em congressos, ações de formação e cursos, no âmbito da museologia.

No presente, além do serviço educativo, presta apoio noutras áreas funcionais do Museu Quinta das Cruzes.

Vítor Hugo Baptista Gomes Luís

(Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's)

A Fotografia como Guardiã da Memória: O Papel do Museu de Fotografia da Madeira na Preservação da Identidade Insular.

A fotografia é um dos mais poderosos meios de preservação da memória coletiva, permitindo registar e transmitir a identidade de uma comunidade ao longo do tempo. No contexto insular da Madeira, onde a paisagem, os costumes e a sociedade passaram por profundas transformações, os acervos fotográficos assumem um papel essencial na documentação e interpretação dessas mudanças. O Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's é uma instituição de referência na salvaguarda do património visual madeirense, reunindo um vasto conjunto de imagens que documentam a vida quotidiana, o desenvolvimento urbano, os eventos históricos e a evolução cultural da ilha. Esta comunicação explora o impacto da fotografia na preservação da memória insular, demonstrando como as coleções do museu contribuem para a valorização da identidade regional e para o fortalecimento do vínculo entre passado e presente. Serão apresentados exemplos concretos de exposições e projetos realizados pelo museu, evidenciando a forma como a fotografia pode aproximar as comunidades da sua história e fomentar um maior envolvimento do público com o património. Além disso, serão discutidos os desafios da conservação de acervos fotográficos em contexto insular, nomeadamente questões relacionadas com o clima, a acessibilidade e as estratégias de valorização e divulgação destas coleções. Desta forma, pretende-se reforçar o papel dos museus como agentes fundamentais na preservação da memória e na construção da identidade coletiva, destacando a importância da fotografia como testemunho histórico e instrumento de ligação entre gerações.

Nota Biográfica

Vítor Hugo Baptista Gomes Luís nasceu no Funchal a 15 de julho de 1978.

Técnico Superior do quadro de pessoal da Direcção Regional da Cultura, a exercer funções no Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's (MFM-AV).

Licenciado em História pela Universidade do Porto e Pós-Graduado em Multimédia em Educação pela Universidade de Aveiro, iniciou funções, em novembro de 2001, no Núcleo Estratégico da Sociedade de Informação, pertencente ao Gabinete do Secretário Regional de Educação.

Em janeiro de 2007 transita para o então Photographia – Museu “Vicentes”, atual Museu de Fotografia da Madeira – Atelier Vicente's, onde se encontra presentemente, sendo responsável pela investigação da história da Fotografia na Madeira e dos inventários do MFM-AV.

Coautor dos textos introdutórios dos livros “Fotografias da Madeira de João Anacleto Rodrigues (1891-1943)” e “Fotografias da Madeira de Aloísio César de Bettencourt (1872-1895)”, edições do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira em 2019 e dos livros “Família Vicente”, edição da Direcção Regional da Cultura em 2021 e “Ilustres Visitantes na Madeira – 1951 a 1991”, edição do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira em 2022.

Mário Figueiredo

Ana Magalhães

(Museu de Santa Maria)

O Museu de Santa Maria e as suas coleções: a interação entre a museologia e a educação.

O Museu de Santa Maria é uma entidade pública, do quadro regional da ilha de Santa Maria, afeto à Direção Regional da Cultura, Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto, constituído por cinco edifícios distintos – núcleos museológicos de Santo Espírito e Vila do Porto, Reservas, Atlântida Cine e Quonset-huts. O MSM é um agente dinâmico ao serviço do público, constituído por um valioso repositório da história e cultura local e arquipelágica.

As coleções do MSM são, na maioria, de cariz etnográfico constituídas por uma variedade de objetos resultantes da cultura material e imaterial, de diferentes manifestações culturais, destacando-se a coleção de cerâmica produzida com o barro de Santa Maria e a coleção do espólio do Bispo Dom António de Sousa Braga.

O MSM é, também, depositário dos materiais arqueológicos das casas pertencentes ao 3º Capitão do Donatário, João Soares de Sousa, Forte de S. João Batista, Casa da Rua Frei Gonçalo Velho 124 e 126 e antigos fornos dos oleiros, assim como de material osteológico da Igreja da Misericórdia.

O Serviço Educativo desempenha um papel fundamental na interação entre a museologia e a educação, proporcionando oportunidades de aprendizagem, para o enriquecimento das capacidades cognitivas, transversais a todas as idades, proporcionando a realização de atividades que estimulam a curiosidade, a imaginação, a criatividade e a reflexão, incentivando nos participantes o espírito crítico.

As coleções do museu, a história da ilha e do seu povo são o ponto de partida das atividades programadas pelo MSM. Neste sentido, o Serviço de Mediação e Educação, consciente do seu contributo para a missão do museu, desenvolve um diversificado plano de ação pedagógica e de extensão cultural que se destina a todos os públicos.

Notas Biográficas

Mário Jorge Freitas Figueiredo,

Mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento, Universidade dos Açores;

Licenciatura em Património Cultural, Universidade dos Açores;

Formação “Inventário Fotográfico – Regras Fundamentais para Museus, Bibliotecas e Arquivos” 2021;

Ação de Formação “Os Direitos de Autor nos Museus”. 2019;

Ação de Formação “Promover a Experiência do Visitante no Museu”. 2019;

Formação Profissional “Usos do Documentário nos Museus”. 2009;

Seminário “Inventário do Património Cultural Imaterial – Contextos e Metodologias” 2009;

Conferência “Restauro, Uma Intervenção Técnica e Social”. 2008;

Ação de Formação “Gestão de Processos e Prática Arqueológica em Contexto de Prevenção / Minimização”. 2007;

Ação de Formação “Intervenção Inicial na Conservação de Acervos Fotográficos e Preenchimento de Inventário em Formato Eletrónico” MEDIAT II - Memória Digital Atlântica”. 2006;

Curso de “Programação e Produção de Exposições”. 2003;

Ação de Formação “Prevenção e Manuseamento de Material Bibliográfico”. 2002.

Ana Margarida Ricardo Magalhães

Licenciatura em Animação Cultural e Educação Comunitária pela Escola Superior de Educação de Santarém.

Ação de formação Educação, Mediação e Serviços Educativos, SPIRA;

Ação de formação Técnicas de Criatividade e Inovação para as Organizações, CEFAPA, 2024;

I Encontro de Serviço Educativo e Museus e Bibliotecas em Setúbal, 2023;

Ação de formação Museus e Bibliotecas: públicos com necessidades especiais, 2018;

Curso Técnicas de Animação, MAIS/AAISL, 2002;

6º Congresso de Conferencias “Criança, Comunicação e Arte”, CNEMA, 2001;

Seminário Psicologia do Comportamento, CNEMA, 2000;

Formação Pedagógica de Formadores, CCIPSL – DRTQP, 2008.

Lucília Maria de Vares Vieira de Sousa
(Museu da Baleia)

O desafio da educação museal: diálogos e práticas do Museu da Baleia da Madeira

Numa sociedade em constante mudança importa refletir sobre a importância da educação museal e na relevância que lhe reconhecemos. Será capaz de construir conhecimento e responder às exigências da contemporaneidade, quando a distância entre alfabetização e literacia é cada vez maior? O desafio da educação em instituições culturais assenta na necessidade de elaborar um programa educativo (PE) que concilie a informação científica com o necessário desenvolvimento de competências dos diferentes públicos.

No caso do Museu da Baleia da Madeira (MBM), as três valências que o compõem (museologia, ciência e educação) reinventam-se no estudo e difusão do conhecimento sobre os cetáceos e o meio marinho, estabelecendo diálogos que são as bases do PE, focado na preservação da memória da baleação madeirense e na sustentabilidade dos oceanos. O PE disponibiliza atividades pedagógicas adaptadas a diferentes faixas etárias, realizáveis no Museu ou outras instituições, alicerçadas na exploração do acervo. De salientar, as visitas guiadas conjugadas com atividades experimentais; preleções, OceanoLab; parcerias com escolas; Ajude a virar a Maré; BaleiArte (utiliza a arte como meio de comunicação).

Porque a educação não se esgota com a idade escolar, o MBM desenvolve ainda projetos de comunidade que promovem a cultura e a identidade, criando espaços de socialização e reflexão, como concertos, CineMar, WhaleFest, concursos e exposições participativas, que aproximam a comunidade do Museu.

Esta educação não formal potencia o conhecimento e o pensamento crítico, auxiliando na compreensão do passado e consciencialização ambiental, importantes para entender a complexidade do mundo e influenciar comportamentos em respeito pela natureza.

Nota Biográfica

Lucília Sousa nasceu no Funchal. Licenciou-se em Ensino da Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Concluiu Pós-graduação em Gestão de Qualidade numa parceria entre a Universidade da Madeira e a Universidade do Texas (Austin). Completou Mestrado em Ciências da Terra e da Vida na Universidade da Madeira e Doutoramento em Bioquímica na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Iniciou carreira profissional em 1988 como professora de Biologia. Foi formadora em Química Biológica na Escola Profissional Atlântico, em Higiene e Segurança no Trabalho (RAMFORMA) e de Professores no Sindicato Democrático dos Professores da Madeira. Exerceu funções diretivas na EBS Padre Manuel Álvares.

Exerceu funções na SRE - Projeto de Avaliação Regional do Sistema Educativo.

Foi coordenadora dos Projetos Aprendizagem Cooperativa e Autoavaliação de Escola na EB23 do Caniço. Exerce funções no Serviço Educativo do Museu da Baleia da Madeira desde o ano letivo 2019/2020, atualmente como coordenadora.

Desidério Sargo
Raquel Cunha
(MUDAS)

MUDAS em movimento: Formação continua de equipas na dinamização dos museus.

A formação contínua das equipas como alavanca na dinamização dos museus, apresentando o caso específico da educação de adultos em contexto europeu: Erasmus+ aplicado à equipa do MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira. Uma equipa com formação atualizada adapta-se melhor às mudanças do setor cultural e à evolução das tecnologias, mantendo o museu mais competitivo e relevante para os visitantes, contribuindo para uma gestão mais coesa da missão e identidade do museu, reforçando a sua presença na comunidade e a eficácia da aplicação da sua missão educativa, cultural e social. Um reforço para o exercício de uma prática cidadã integrada.

Nota Biográfica

Desidério Sargo, licenciado em Artes Plásticas, Pintura, pela Universidade da Madeira. Em 1999 integrou o Programa Sócrates / Erasmus frequentando a *Facultad de Bellas Artes de Castilla-La Mancha, Cuenca* – Espanha. Em 2001 desenvolveu o Programa Leonardo da Vinci, em Potenza, Basilicata, Itália. Expõe individual e coletivamente desde 1998. Docente desde 1999. Integra o Serviço de Ação e Mediação Pedagógica do MUDAS.Museu desde 2018.

Raquel Cunha, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante inglês /alemão, pela Universidade da Madeira. Em 1995 desenvolveu o Programa Sócrates na Universidade de Potsdam, Alemanha. Começou a exercer funções de docente em 1997 no grupo de Inglês e Alemão. Desde 2001/2002 leciona na Escola Básica e Secundária/PE da Calheta, onde, desde 2013, também desenvolve e dinamiza projetos Comenius e Erasmus+. Integra o Serviço de Ação e Mediação Pedagógica do MUDAS.Museu desde 2019.

Paulo Farias

(Museu Carlos Machado)

Pela Lente de Laudalino da Ponte Pacheco: Mediação e Públicos no Museu Carlos Machado

A missão e a visão do Museu Carlos Machado, indissociáveis do espaço insular em que ganham vida, enquadram-se numa relação única de território-comunidade e identidade-património. Este posicionamento do museu enquanto museu de território e museu para todos reflete-se numa programação que favorece a aprendizagem e o conhecimento, recorrendo a práticas criativas e promovendo atividades numa perspetiva reflexiva, na qual os serviços de mediação assumem um papel crucial.

Neste sentido, as exposições temporárias revelam-se como essenciais, atraem novos públicos e permitem abordar temáticas diferenciadas. A sua curta duração possibilita ainda que os serviços de mediação e interpretação se reinventem, diversificando a oferta pedagógica e cultural. Assim, a equipa do Serviço de Mediação e Interpretação (SMI) do Museu Carlos Machado desenhou uma estratégia de atuação para a exposição temporária “Laudalino da Ponte Pacheco: o fotógrafo que estava lá” que pretendeu responder a várias perguntas, de forma a melhor se conectar com o público visitante e com as suas necessidades. Algumas das questões conducentes à elaboração da estratégia foram: em que medida, se conjuga, uma exposição temporária com a missão e a visão do Museu Carlos Machado? Como se relaciona o público com a exposição? Que mensagem quer o Serviço de Mediação passar a quem os procura? O que se pode aprender com a exposição e com os seus públicos? Quem foi Laudalino da Ponte Pacheco? Qual a o seu legado e obra? E como podemos nós aprender com o passado que retratou?

Como estratégia, foram, então, criadas excursões, laboratórios de fotografias, atividades exploratórias, debates e visitas, roteiros fotográficos que procuraram responder a algumas destas questões.

Nota Biográfica

Paulo Farias nasceu na Maia, Ribeira Grande, em 1988, e é Técnico Superior no Museu Carlos Machado desde 2016, onde tem desempenhado funções na área da mediação de públicos. Licenciado em Marketing pela Universidade da Beira Interior (2010), aprofundou os seus conhecimentos com uma pós-graduação em Património, Museologia e Desenvolvimento Local (2014) pela Universidade dos Açores.

Ao longo da sua carreira, tem investido na formação contínua, participando em diversas ações especializadas na área da mediação e interpretação dos públicos. O seu percurso reflete um compromisso com o acesso ao património, a sua preservação, valorização e comunicação.

Maria Luísa Freitas Spínola

(Casa Colombo – Museu do Porto Santos e dos Descobrimentos Portugueses)

Serviço Educativo e Mediação Cultural - Um incentivo à curiosidade.

Numa ilha ultraperiférica com cerca de 5 mil habitantes, o serviço educativo e mediação cultural coloca grandes desafios nomeadamente a adoção de práticas inovadoras capazes de fortalecer o impacto social numa comunidade que tradicionalmente vê o espaço do Museu como um repositório de objetos.

Após a remodelação e ampliação do espaço conhecido como Casa Colombo, a agora intitulada *Casa Colombo – Museu do Porto Santo e dos Descobrimentos Portugueses* pretende afirmar-se como um foco de conhecimento do designado encontro de culturas entre Portugal e o mundo novo que se abria à Europa do Renascimento. Assim, com uma nova casa, uma nova abordagem, e um novo olhar, o serviço educativo e mediação cultural agora reconsiderado, funciona como um laboratório, com o propósito de exercitar a observação, a interrogação, o diálogo, promovendo a curiosidade e a criatividade bem como o envolvimento da comunidade e a criação de laços com os diferentes públicos, com o propósito de ampliar o entendimento relativamente à diversidade do património e à sua proteção e conservação. Nesta proposta iremos acompanhar a dinâmica implementada e dar a conhecer o impacto e/ou o *social turn* que temos vindo a incrementar em apenas cinco meses de atividade.

Nota Biográfica

Luísa Spínola nasceu no Funchal, a 24 de agosto 1962, possui mestrado em Arte e Património no Contemporâneo e Atual, pela Universidade da Madeira, uma Pós-Graduação em Gestão.com pelo ISCTE e Licenciatura em Artes Plásticas / Pintura pelo Instituto Superior de Arte e Design / Universidade da Madeira.

Participa, desde 1994, em diversas exposições coletivas e individuais em diferentes áreas (pintura, fotografia, serigrafia, desenho e instalação).

Ilustrou cinco livros infantis, um infanto juvenil, um livro de poesia e um livro de crónicas. Coordena e orienta, desde 2006, o Atelier de Artes Plásticas, Gatafunhos.

De dezembro de 2017 até 2024 colaborou no Serviço Educativo da Porta33, desenvolvendo o Atelier de Desenho.

Desde outubro de 2024 até a presente data coordena o Serviço Educativo / Mediação Cultural da Casa Colombo Museu do Porto Santo e dos Descobrimentos Portugueses.

Rita Machado Dias
(Museu da Horta)

“Museu dos 0 aos 100” – a mediação cultural no Museu da Horta

Podemos considerar Mediação Cultural em Museus como o estabelecimento de pontes com os diferentes públicos, por forma a aumentar o diálogo, as trocas e as relações entre as pessoas e as instituições, no respeito pela diversidade cultural, com o objetivo claro de tornar as experiências mais acessíveis e enriquecedoras para todos.

As coleções e objetos de um Museu são o ponto de partida para o desenvolvimento de ações de mediação cultural junto dos mais diversos públicos. Para além destes, inclui-se o território, o património edificado, material e imaterial. A partir daqui, constroem-se e desenvolvem-se narrativas que abraçam a história e o património no seu todo ou em parte, cujo objetivo primeiro é a transmissão de conhecimento e a valorização deste nas diferentes vertentes. A par destas, as tradições festivas com caráter anual que assinalam momentos e ciclos quotidianos são aprofundados.

Tendo por base estas premissas, a cada ano, é preocupação do Museu da Horta desenvolver ações dirigidas aos mais diversos públicos, onde se incluem propostas para bebés, crianças, estudantes dos vários graus de ensino, jovens e adultos, públicos com necessidades educativas especiais, sem esquecer o público denominado, sénior. Em suma, a ação do Museu da Horta procura abranger um público dos 0 aos 100, acolher ideias, aceitar propostas da comunidade, recolher histórias de vida. Isto é, o serviço educativo e de mediação cultural do Museu da Horta destina-se à comunidade no seu todo.

É intenção, neste Encontro de Boas Práticas Museológicas dos Museus da Macaronésia, dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelo serviço educativo e de mediação cultural do Museu da Horta, que conta com cerca de 40 anos.

Nota Biográfica

Rita Machado Dias, é licenciada em Ciência Política pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, frequentou o Mestrado em História Política e Social. Atualmente, frequenta a Pós-Graduação em Património Cultural Imaterial, na mesma Universidade e o Curso de Mediação Cultural e Artística no Instituto Politécnico de Leiria. É técnica superior no Museu da Horta desde 2011 e, exerce funções na área de mediação cultural. Trabalha, em conjunto com a restante equipa, no desenvolvimento da oferta pedagógica do Museu da Horta, onde se inclui a Casa Manuel de Arriaga, bem como, na programação das diferentes ações promovidas por esta instituição museológica.

Teresa Sofia de Melo Viveiros
(Câmara Municipal da Lagoa.)

Museu da Lagoa – Açores: práticas educativas e envolvimento comunitário.

A comunicação inicia-se com a importância da Educação Não Formal (ENF) em instituições museológicas para, em seguida, contextualizar o Museu da Lagoa – Açores, destacando e mencionando algumas das práticas educativas e do trabalho com a comunidade.

Por Educação Não Formal (ENF) entende-se a que decorre fora de espaços escolares - embora possa incluir estes espaços em programas colaborativos -, sendo os museus e bibliotecas alguns dos lugares privilegiados. Nos museus, a ENF consome-se através programas, projetos e planos que utilizam práticas pedagógicas diversificadas adaptadas a diferentes públicos, com vista a contribuir para a aprendizagem ao longo da vida e para o enriquecimento cultural da comunidade.

O Museu da Lagoa – Açores, polinucleado e multitemático, assume-se como um espaço vivo, colocando a ENF como um dos seus órgãos vitais, com vista a promover e divulgar sobretudo a cultura local, envolvendo a comunidade e trabalhando com públicos diversificados. Neste sentido, através de serviço educativo e de mediação, interpreta e trabalha com os conteúdos expositivos (acervo museológico, exposições temporárias), realiza ações com vista a interpretar a arte pública do território da Lagoa, workshops diversificados, e tem desenvolvido projetos de promoção da cultura local, envolvendo a comunidade, como o projeto «Novos Bonecreiros» e o «Entrelaçar Fibras Vegetais». Com o intuito de trabalhar com a comunidade sénior, acolhe o projeto «A avó Veio Trabalhar», da Associação Fermenta, que visa promover o envelhecimento ativo e a transmissão de saberes tradicionais.

Nota Biográfica

Teresa Viveiros (n. 1980, Ponta Delgada), é natural de S. Miguel, é mãe e funcionária pública da Câmara Municipal da Lagoa.

Licenciada em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra (2003) e pós-graduada em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores (2006). Na Universidade dos Açores fez o Mestrado em Museologia e Património (2016) e a pós-graduação em Turismo Cultural (2021). Coordenou o Serviço de Educação e Cultura da Câmara Municipal da Lagoa e, entre 2016 e 2020, foi Adjunta do Secretário Regional para as Relações Externas, tendo desenvolvido projetos de educação para a cidadania europeia nos Açores e de promoção cultural da Região no exterior. Regressou à Câmara da Lagoa, em 2020, como técnica superior no Museu da Lagoa. Em 2023, retomou a coordenação do Serviço de Educação e Cultura, cargo que ocupa atualmente. Colabora quinzenalmente com o jornal Açoriano Oriental, desde outubro de 2024.

Vítor Brasil

(Câmara Municipal de Angra do Heroísmo)

Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo

A Casa dos Pamplonas foi reabilitada pelo Município de Angra do Heroísmo e inaugurada a 5 de dezembro de 2023, com edifício do Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo, no âmbito da comemoração dos 40 anos de Angra do Heroísmo na lista do Património Mundial da UNESCO.

Em 2022, o Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo foi um dos 4 finalistas dos Prémios do Imobiliário SIC/EXPRESSO, na categoria de Reabilitação e Construção – Equipamentos Públicos ou Património Cultural, entre 55 projetos candidatos. Recebeu ainda uma menção honrosa na Gala da IV Edição dos Prémios do Imobilizado, da SIC Notícias e Semanário Expresso.

O Centro Interpretativo de Angra do Heroísmo é uma obra de reconstrução e reabilitação da responsabilidade da Autarquia Angrense, que requalificou a Casa da Rua do Marquês, um edifício histórico, danificado pelo sismo de 1980, num edifício de forte potencial para a oferta turística e cultural da cidade de Angra, e um ponto de partida para visitar a cidade Património Mundial.

Com um projeto arquitetónico do conceituado arquiteto Álvaro Siza Vieira, o Centro Interpretativo possui uma área de 3.292 m², com a capacidade de receber uma exposição permanente e algumas mostras itinerantes, possui uma loja, uma cafetaria e um auditório para 70 pessoas, detém ainda ligação ao Jardim Duque da Terceira e uma vista da Rua Direita até ao mar.

Nota Biográfica

Vítor Brasil nasceu em Angra do Heroísmo, em 1973. Técnico Superior na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Licenciado em História; Mestre em Estudos do Património. Autor das obras «História da Ribeira dos Moinhos em Banda Desenhada» (2015); «Património das Águas de Angra» (2018); «Império do Outeiro – 350 Anos» (2022); e de artigos publicados em periódicos que abordam a história e o património cultural da Ilha Terceira. Sócio efetivo do Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Rogério Medeiros

(Câmara Municipal da Ribeira Grande)

Boas práticas museológicas: contributos para uma abordagem de conservação preventiva no Museu Municipal da Ribeira Grande (núcleo sede).

A presente comunicação propõe-se abordar, de forma abrangente e ampla, a conservação preventiva como prática museológica em termos teórico-conceituais, metodológicos e técnico-científicos. Com esse enquadramento, foi desenvolvido o estudo de caso do núcleo sede do Museu Municipal da Ribeira Grande, sediado no Solar de São Vicente Ferreira (ou *Ferrer*), na cidade da Ribeira Grande (São Miguel — Açores).

Adotando uma abordagem da conservação preventiva no contexto museal, procura-se desenvolver uma análise e gestão dos riscos em contexto museológico, apresentada na discussão dos vários fatores de risco. Assim, como exemplo de boas práticas museológicas associadas à conservação preventiva, o núcleo sede do Museu Municipal da Ribeira Grande é alvo de uma avaliação e gestão de riscos que impendem sobre ele, contribuindo para a sua perpetuação no tempo e no espaço, como um dos garantes da memória coletiva e da cultura patrimonial e identitária ribeiragrandense, micaelense e açoriana.

É impreterível a reflexão e sistematização das práticas de conservação preventiva em contexto museológico como contributo à preservação contínua dos museus, na totalidade da sua dimensão patrimonial, cultural e social.

Com esta comunicação, almeja-se o diálogo e a promoção de uma abordagem integrada, colaborativa e em rede das boas práticas museológicas no panorama da conservação preventiva. O foco desta comunicação centra-se no Museu Municipal da

Ribeira Grande, mas que se deve estender à partilha de ideias e conhecimentos entre os museus da Macaronésia, com o objetivo de conhecer diferentes realidades.

Nota Biográfica

Rogério Moniz Medeiros é Licenciado em História — Percurso em Património Cultural pela Universidade dos Açores (2018), prosseguiu os seus estudos no mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento pela mesma instituição académica (2024), tendo defendido a dissertação intitulada *Museu Municipal da Ribeira Grande: Contributos para uma Política de Conservação Preventiva*, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Soares de Albergaria. Desempenhou funções técnicas no Museu Municipal da Ribeira Grande, bem como no Instituto Cultural de Ponta Delgada e na Biblioteca Municipal Daniel de Sá. Foi formador externo na Escola Profissional da Ribeira Grande, durante três anos letivos, lecionando disciplinas da componente sociocultural. Atualmente, exerce funções como técnico superior no Museu Vivo do Franciscanismo, tutelado pela Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Carmen Dolores Chinae Brito

(Museo de Historia y Antropología de Tenerife)

Plan de salvaguarda de colecciones del Museo de Historia y Antropología de Tenerife. La sostenibilidad en perspectiva.

Un Museo de Historia alojado en una casa con cinco siglos de historia y ubicado en el casco histórico de una ciudad declarada Patrimonio de la Humanidad por la Unesco se traduce en un trío que rivaliza en carga patrimonial a la vez que convive en armonía retroalimentándose constantemente. Este panorama viene a amplificar nuestra responsabilidad sobre las colecciones del Museo y nuestro papel como guardianes del pasado.

De este modo, pusimos pronto en perspectiva (apenas unos años después de su inauguración) la redacción de un Plan de salvaguarda para los objetos que permitiera su evacuación en situaciones de riesgo, activándose a continuación del obligado Plan de emergencia de los espacios públicos en el que sólo está contemplado poner a salvo a las personas.

En la actualidad, los Museos ya no son solo guardianes del Patrimonio. Son también agentes de cambio capaces de generar, a través de sus colecciones y acciones, transformaciones socioeconómicas y están cada vez más comprometidos con cuestiones de género, inclusión, accesibilidad o sostenibilidad. Compartiremos los detalles de un proceso puesto en marcha recientemente en el que caminamos apostando por la línea de la eficiencia energética en los trabajos de mejora de los parámetros medioambientales de un espacio expositivo.

Nota Biográfica

Carmen Dolores Chinae Brito Diplomada en Profesorado de E.G.B. (1986) y Licenciada en Historia (1989) por la Universidad de La Laguna.

Su trayectoria profesional se ha centrado fundamentalmente en museos y exposiciones. Desde el año 1990 trabaja para el Organismo Autónomo de Museos y Centros (OAMC) dependiente del Cabildo de Tenerife, primero en el **Museo Arqueológico** y posteriormente en el **Museo de Historia y Antropología**, donde actualmente ocupa el cargo de Subdirectora. También ejerció, en el seno de la misma institución, la dirección del Servicio de la **Red Insular de Museos de Tenerife** y la docencia como tutora de las 3 ediciones de la **Maestría en Museología y Gestión Cultural (ULL-OAMC)**.

Completa su formación universitaria asistiendo a distintos cursos, congresos y seminarios sobre temas de Conservación preventiva, Documentación, Educación, Patrimonio y Museística, fundamentalmente.

Así mismo, ha participado en foros nacionales e internacionales (Inglaterra, EEUU, Canadá, Portugal, Italia, ...) con distintos trabajos en torno a las temáticas anteriormente citadas.

Wellington Nascimento

(CHAM – Centro de Humanidades da UAç e Univ. Nova de Lisboa,)

Saberes e Práticas de Tocar a Viola da terra dos Açores

A Viola tradicional dos Açores pertence a família das Violas de Arame Portuguesas sendo conhecida por várias designações nas nossas ilhas: Viola da Terra, Viola de Dois Corações, Viola de Arame ou Viola Regional. Muitos investigadores têm classificado a Viola dos Açores em dois tipos distintos: Viola Micaelense, por ter doze cordas e dois Corações, e Viola Terceirense, por ter quinze cordas e a abertura sonora circular ou oval, no entanto encontramos, nas diversas ilhas violas da terra com outras diferenças organológicas ocasionadas pelo isolamento geográfico, a adaptação às dinâmicas culturais e o diálogo entre violeiros e tocadores ao longo do percurso histórico.

"Violas da Terra dos Açores: Saberes e Práticas de Tocar" é o projeto de valorização e de salvaguarda deste Património Cultural Imaterial dos Açores e consiste em identificar, documentar, estudar e inventariar os saberes e as práticas de tocar a Viola da Terra, com vista à elaboração de um pedido de inscrição desta manifestação cultural imaterial no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (INPCI).

O projeto tem como objetivos mapear os tocadores e construtores dos Açores, registrando suas histórias, técnicas de execução e repertório; Gravar vídeos e áudios de performances, entrevistas e oficinas para criar um acervo digital que permita estudar e divulgar a viola da terra; Desenvolver materiais didáticos e realizar oficinas para ensinar a tocar a viola da terra, incentivando a participação de jovens e adultos e divulgar a importância da viola da terra como elemento identitário dos Açores, promovendo a sua inclusão em eventos culturais e festivais.

As Violas da Terra são um símbolo cada vez mais forte da “tradição” e da identidade açoriana, sendo parte importante do conjunto de elementos fundamentais para a identificação e legitimação da “Açorianidade”.

Nota Biográfica

Wellington Nascimento é Licenciado em Património Cultural pela Universidade dos Açores e Mestre em Património Museologia e Desenvolvimento pela mesma Universidade, Doutorando em História da Arte pela Universidade de Évora. É músico, multi-instrumentista, investigador do CHAM – Centro de Humanidades da UAç e Univ. Nova de Lisboa e investigador colaborador do CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora. É Técnico Superior na DRC -Direção Regional da Cultura onde coordena projetos ligados ao Património Imaterial, e desenvolve ainda atividades de investigação nas áreas do Património, Museologia e Musicologia.

Margarida Freitas

(Casa-museu Frederico de Freitas)

Fernando Libano

(Museu Etnográfico da Madeira)

A Lapinha de Francisco Ferreira, o Caseiro – projeto de parceria para a sua musealização.

“A Lapinha de Francisco Ferreira, o Caseiro” é a história de um homem simples, de um presépio que lhe moldou a vida e de um desejo, com mais de 100 anos, que se concretizou.

Francisco Ferreira, o *Caseiro*, carpinteiro e depois santeiro de profissão, nasceu na freguesia do Monte, em 1848. A alcunha que o identifica, de origem desconhecida, passa a integrar os seus registos a partir de 1896. A Lapinha foi a obra da sua vida, iniciada na juventude, é um impressionante conjunto com mais de 300 peças, onde o sagrado e o profano se cruzam, em cenas bíblicas e representações do quotidiano local, vivido por personagens incógnitas e outras perfeitamente reconhecíveis. Testemunha uma época e a habilidade do artesão que talhou a madeira, praticamente até à sua morte, em 1931. Exposto ao público durante mais de 70 anos, este presépio tornou-se o mais célebre da Ilha da Madeira e uma das grandes atrações do Natal para sucessivas gerações de madeirenses.

Já em 1917, um visionário destacara a necessidade da preservação deste invulgar conjunto, sugerindo a sua aquisição e exposição num museu etnográfico! Mas essa realidade só se concretizou em 2021, com a abertura da Sala da Lapinha do Caseiro, no Museu Etnográfico da Madeira. Desaparecido do olhar público, desde os anos 70, foi adquirido em 2015, por proposta conjunta da Casa-Museu Frederico de Freitas e do Museu Etnográfico da Madeira. Tornou-se a base de uma parceria entre as duas instituições museológicas, para a concretização de um projeto comum de musealização, com as vertentes de investigação, estudo, inventariação e restauro. Culminou em 2024, com a publicação do catálogo, que atesta e realça a importância intemporal de salvaguardar este tipo de legados que nos individualizam, valorizam e constituem o nosso património cultural.

Nota Biográfica

Margarida Freitas é licenciada em História, variante História da Arte, pela Universidade de Coimbra. Pertence ao quadro da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, integrada na equipa da Casa-Museu Frederico de Freitas, onde exerce funções como técnica superior, desde 2005. No contexto profissional teve formação nas áreas de museologia, conservação, acessibilidade e inventário de coleções. No Serviço de Gestão de Coleções é responsável pelo inventário do acervo, nomeadamente da Cerâmica de Revestimento e de Equipamento. Desenvolve ainda o projeto de Inventário da Azulejaria da Região Autónoma da Madeira. Ao longo da sua carreira no museu, tem trabalhado nos mais diversos sectores, como organização de exposições, projetos de investigação, orientação de estágios, apoio a ações de formação e atividades dos Serviços Educativos. Participou na inventariação da “Lapinha de Francisco Ferreira, o

Caseiro” e é coautora da publicação “Os Bancos da Avenida do Mar, Azulejos de Boa Memória”, editada em parceria com o Museu de Arte Sacra do Funchal.

Fernando Caldeira Líbano é licenciado em Gestão do Património (2001). Desde 2005, integra o quadro da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, desempenhando funções de técnico superior no Museu Etnográfico da Madeira, no Serviço de Gestão de Coleções. É responsável pelo inventário das coleções do Museu e colabora, regularmente, em várias áreas da Instituição, incluindo investigação, montagem de exposições e orientação de estágios. Participou na montagem da exposição da Lapinha de Francisco Ferreira, o Caseiro. É autor da publicação “Do teu Fruto, o Mel: mel de figos e mel de vinho em mosto” (2021). Tem frequentado formações em museologia, conservação, acessibilidade e gestão de coleções.

Graça Maria Nóbrega Alves
(Museu de Arte Sacra do Funchal)

A arte divina (a coleção de ícones do Museu de Arte Sacra do Funchal)

O Museu de Arte Sacra do Funchal é conhecido, sobretudo, pela sua coleção de Arte Flamenga. No entanto, o visitante é convidado a encontrar-se com o inesperado, uma coleção de ícones ortodoxos que, num tempo de tantas assimetrias e de tantas cisões, tem permitido outros olhares e outros diálogos.

Enquanto imagens sagradas, esta coleção é um convite à beleza, à espiritualidade, à diversidade e ao mistério. É nisso que se centra esta comunicação: no olhar sobre esta coleção e no modo como o Museu a dá a ver.

A beleza da arte sacra evoca algo muito maior do que o simples prazer estético. A estética não é o seu objetivo final. É esta a lição deste núcleo. O belo transpõe as barreiras físicas da forma e funda-se no gesto de fazer o ser humano elevar-se, sugerindo o encontro entre o humano e o divino, entre as ações dos homens e as de Deus. Pela contemplação do visível abrimo-nos ao mistério da beleza indizível de Deus.

Nesse sentido, para além da apresentação desta coleção devocional doada à diocese do funchal por D. Teodoro de Faria, Bispo Emérito do Funchal, abordaremos o trabalho de mediação cultural que tem sido desenvolvido, em torno deste Núcleo, tornando-o também um ponto de encontros de culturas e de realidades religiosas.

Nota Biográfica

Graça Maria Nóbrega Alves nasceu no Funchal, onde reside. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa. Foi vencedora de alguns prémios literários e é autora de várias obras, coautora de alguns ensaios sobre literatura, memórias, estudos insulares e histórias de vida, escreveu contos para várias coletâneas, tem artigos publicados em jornais e revistas nacionais e estrangeiras e mantém uma crónica num jornal madeirense.

Foi professora, desenvolveu projetos ligados à Literatura, aos Estudos insulares e às Histórias de Vida, no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira, entre 2010 e 2019. Foi Diretora de Serviços de Museus e Centros Culturais, até 2023. É Diretora do Museu de Arte Sacra do Funchal, desde outubro de 2023.

Maria Manuel Velásquez Ribeiro

(Museu de Angra do Heroísmo, CHAM, Instituto Histórico da Ilha Terceira)

Diacronia de um conceito: a coleção e o “fazer museológico”.

Se os acervos e as coleções de bens são o âmago dos museus, razão e justificação para a sua existência centenária, visitar o conceito operativo de coleção parece ser pertinente e, também, necessário não só porque lhe estão implícitos dilemas e paradoxos inerentes ao próprio ato da constituição e agregação, mas também devido ao emergente questionamento quanto ao(s) paradigma(s) da(s) representação(ões) na contemporaneidade.

Dada a complexidade e os “novos” desafios d(n)a construção da coleção museológica, é impensável abordar o tema sem introduzir interrogações referentes aos *modus operandi*, individuais e coletivos, aos modelos do trabalho museológico (colaborativo, participativo e em rede) que também urge serem postos em perspetiva numa sociedade cada vez mais digital.

Com esta comunicação pretendo refletir sobre como a coleção, a metodologia à sua gestão e a sociedade digital se podem entrelaçar com vista a atuações mais sustentável por parte dos museus.

Nota Biográfica

Maria Manuel Velásquez Ribeiro é Licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa, Pós-Graduada em História Insular e Atlântica e Mestre em Museologia pela Universidade dos Açores. Técnica Superior do Museu de Angra do Heroísmo e investigadora associada do CHAM/A, Centro de Humanidades da Universidade dos Açores, tem como área de investigação a história da museologia açoriana e os processos de patrimonialização de bens, temas sobre os quais tem vários artigos e publicações.

Alexandre Reis

Fernanda Vaz

(Museu Militar dos Açores)

Contributos para a elaboração de um Manual de Política de Incorporações no Museu Militar dos Açores.

A incorporação de determinado bem móvel num museu representa um dos primeiros atos pelo qual a instituição vincula a sua propriedade efetiva, posicionando-o numa determinada categoria, ordenando-o segundo determinado sistema de classificação e elevando-o à sua última designação, agora enquanto peça de museu, ou bem cultural. Neste contexto, é através do uso instrumental de uma política de incorporações sobre os bens culturais que se iniciam as tarefas de gestão das respetivas coleções, dado que esta não só define o modo como cada objeto é adquirido, como estabelece os critérios determinantes e necessários para a sua boa conservação inicial e preservação ao longo do tempo.

A política de incorporações do Museu Militar dos Açores segue as diretrizes internas dos museus militares do Exército Português, conforme as Normas dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército e orientações da Direção de História e Cultura Militar. Contudo, dada a especificidade da sua missão e os desafios do seu acervo, torna-se necessário um manual próprio que estabeleça não só políticas de incorporação, mas também de alienação, empréstimo, cedência, depósito e documentação, em conformidade com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

A partir do enquadramento geral do Museu Militar dos Açores, das especificidades que o diferenciam e das práticas associadas à gestão das suas coleções, procuraremos nesta comunicação contribuir para a elaboração de uma proposta de Manual de Política de Incorporações que se consubstancie num instrumento para a boa e eficiente gestão das suas coleções.

Nota Biográfica

Alexandre Miguel Carvalho Roque dos Reis nasceu a 13 de junho de 1974, em Huambo, Angola. É licenciado em Sociologia pela Universidade dos Açores e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento, pela mesma Universidade.

Entre 1994 e 1996 foi oficial subalterno no Regimento de Guarnição N.º 2 e, entre 1996 e 2004, Ajudante de Campo do Comandante da Zona Militar dos Açores. A partir de 2004 foi Assistente Técnico no Gabinete do Comandante da Zona Militar dos Açores. Desde 2020 exerce as funções de Assistente Técnico nos Serviços Museológicos do Museu Militar dos Açores.

Foi coautor e autor de exposições patentes no Museu Militar dos Açores e palestrante em conferências sobre património militar.

Da sua folha de serviços constam nove louvores, um de oficial superior e oito de oficial general. Foi agraciado com a Medalha de Comportamento Exemplar, Grau Cobre, e com a Medalha de D. Afonso Henriques, 4.ª Classe. Foram-lhe ainda atribuídas as medalhas de mérito escolar da Universidade dos Açores relativas à sua licenciatura e mestrado. Está inscrito, desde 2025, no quadro de honra da Universidade dos Açores.

Fernanda Maria Mendes Antunes Vaz é natural de Castelo Branco e reside em Ponta Delgada, desde 2002. É licenciada em Gestão de Empresas e Mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento, pela Universidade dos Açores.

Está habilitada com o Curso de Formação Pedagógica de Formadores – Nível V.

Exerce funções no Museu Militar dos Açores como Técnica Superior na área funcional de Museologia.

Foi coautora e autora de exposições patentes no Museu Militar dos Açores.

Em 2024, foi conferencista no colóquio intitulado “Rede de Museus e Coleções Visitáveis dos Açores: Caminhos e desafios”.

É autora do livro “O Aeródromo de Santana – Memória de um Património Desaparecido”.

Da sua folha de serviços constam uma Referência Elogiosa de oficial superior e cinco louvores de oficial general. Foi agraciada com a Medalha de D. Afonso Henriques – Mérito do Exército, 4.^a Classe.

Bruna Roque

Sílvia Fonseca e Sousa

Valério Moniz

(Museu Carlos Machado)

Dinâmicas Colaborativas e Formativas em Museologia: o estudo e a documentação das coleções de Numismática e Medalhística do Museu Carlos Machado

Do colecionismo ao ato de doar, da incorporação no museu ao posterior estudo e documentação das coleções, são alguns dos aspetos evidenciados nesta apresentação onde se dá relevância aos processos colaborativos.

Tendo por base os trabalhos desenvolvidos com as coleções de Numismática e Medalhística, são abordadas as dinâmicas de colaboração com as diferentes entidades envolvidas, designadamente, Universidade dos Açores, colecionadores e colaboradores externos, nos domínios do inventário, documentação e formação.

É igualmente dado destaque à importância da evolução no tratamento digital das coleções e o seu contributo para a divulgação e valorização do património museológico.

Notas Biográficas

Bruna Soraia Cacilhas Roque, licenciada em Sociologia e mestre em Ciências Sociais pela Universidade dos Açores, é Técnica Superior do Museu Carlos Machado desde 2014, integrando, desde então, a equipa de Património Cultural Imaterial (PCI) do museu. Na sua prática profissional, concentra-se na inventariação, salvaguarda e divulgação de manifestações de património cultural imaterial na ilha de São Miguel. Destacam-se, no âmbito da sua atividade de investigação, as suas contribuições nos projetos *Caminhos do Chá* (2015-2016) e *Sete Cidades – Para Além da Paisagem* (2014-2018). Desde 2017, Bruna Roque é responsável pela gestão da Coleção de Medalhística do Museu Carlos Machado.

Sílvia Maria Borba Fonseca e Sousa, licenciada em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, mestre em Património e Museologia, pela Universidade dos Açores, com a tese *A Museologia na Ilha de São Miguel: 1974-2008*. É Técnica Superior no Museu Carlos Machado há três décadas, onde tem coordenado, desenvolvido e participado em diversos projetos museológicos. Tem assumido a gestão de várias coleções do acervo do museu, de que se destaca a coleção de etnografia regional. No Museu Carlos Machado tem também coordenado diversas áreas, designadamente documentação museológica e património cultural e imaterial. É autora e coautora de vários artigos no domínio da museologia e do património.

Valério Rodrigues Moniz, natural do concelho do Nordeste, freguesia da Salga, é Técnico Superior do Museu Carlos Machado desde 2011, tendo participado no inventário da coleção de Numismática, pela qual é atualmente responsável. Realizou a sua formação académica na Universidade dos Açores, onde terminou em 2009 a sua licenciatura em Sociologia, na especialidade população, família e território, com Pós-

VII Encontro de Boas Práticas Museológicas:
os Museus da Macaronésia em Rede

graduação em Educação Ambiental. Enquanto elemento da equipa do serviço educativo do Museu, trabalhou na dinamização de diversas exposições e atividades do projeto *Museu Móvel* entre outros projetos de ligação do Museu ao território. Atualmente desempenha funções na área do património cultural imaterial.

Andreia Silva
(Museu das Flores)

“Um Museu para todos – acessibilidade no Museu das Flores” – a implementação do projeto e os seus impactos.

Num mundo em constante mudança, os Museus têm de ser capazes de se adaptar e reinventar para responder às necessidades das comunidades nos quais estão inseridos, pensando nos vários públicos e garantindo espaços inclusivos e acessíveis, enquanto cumprem os objetivos que presidiram à sua criação.

A acessibilidade e inclusão são problemáticas recorrentes nos dias de hoje e transversais a várias áreas, incluindo a cultura. Assim, é obrigação dos museus, garantir que as suas coleções e programação estão acessíveis a todos, num contexto de igualdade.

Tendo isto em conta, verificavam-se no Museu das Flores duas lacunas a colmatar – a inacessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida num dos polos e a total inexistência de conteúdos acessíveis ao público portador de deficiência.

O projeto “Um Museu para todos – acessibilidade no Museu das Flores”, alvo de financiamento pelo ProMuseus, transformou o cenário e fez do Museu das Flores um caso único entre os seus congéneres na Região.

Hoje dispomos de audioguias com guiões de visita em português e inglês, em Língua Gestual Portuguesa e audiodescrição, guiões impressos em linguagem simples acompanhada de pictogramas, pisos podotáteis, rampas e plataforma elevatória. Como resultado, é possível a visita autónoma do público com deficiência visual, intelectual, com mobilidade condicionada e do público surdo.

Nesta comunicação propomo-nos a partilhar um processo que foi longo, complexo e transformador e avaliar os impactos práticos que teve no desenvolvimento do museu e dos seus públicos. Há ainda um longo caminho a trilhar nesta área, mas os primeiros passos estão dados.

Nota Biográfica

Andreia Freitas da Silva, natural da ilha do Corvo, Técnica Superior do Museu das Flores. Licenciada em Património Cultural pela Universidade dos Açores, ao longo destes 14 anos passou pela Biblioteca Municipal de Santa Cruz das Flores, fez parte da equipa que instalou o Museu da Fábrica da Baleia do Boqueirão, onde esteve durante quatro anos, e assumiu o cargo de coordenadora do Ecomuseu do Corvo entre 2017 e 2020, antes de regressar à Fábrica da Baleia do Boqueirão, que é hoje um polo do Museu das Flores.

Foi um dos membros fundadores da Corvo Vivo – Associação de Defesa do Património do Corvo, que tem procurado dinamizar projetos das áreas da cultura e ambiente. Integra a equipa editorial do jornal local Trâmela Aberta e tem colaborado ativamente em vários projetos do Município do Corvo na área do Património como é o caso do “Caminhos de Memória” e “Caminhada corvina”.

Márcia de Sousa

(MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira)

Redes de Museus em contexto insular: Realidade ou utopia?

"A comunicação Redes de Museus em contexto insular: realidade ou utopia?" propõe uma reflexão pragmática sobre realidade insular, com referência aos contextos e desafios que envolvem o trabalho em rede e mesmo da criação organizada e gestão de redes museais, com particular enfoque para o enquadramento territorial do Arquipélago da Madeira. Procurar-se-á problematizar sobre a viabilidade da criação de uma rede organizada de Museus da Madeira, enquadrada legalmente, que una as instituições museológicas da RAM, sobre uma perspectiva de cooperação institucional que possibilite a partilha de projetos, o intercâmbio entre coleções e equipas técnicas, bem como a articulação de modos de participação cidadã, integrada por via da dinamização de iniciativas conjuntas e descentralizadas que viabilizem mecanismos de sustentabilidade a médio e longo prazo.

Nota Biográfica

Márcia de Sousa é Licenciada em Artes Plásticas, variante Pintura, via científica (pré-Bolonha), pela Universidade da Madeira, com Pós-Graduação em Conservação e Restauro do Património Cultural, pela Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa e mestre em Ensino das Artes Visuais, 3.º Ciclo e Secundário pela UMa. É doutoranda em museologia na Universidade do Porto e investigadora associada do CeIED.

Dirige desde 2017 do MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira, instituição que coordenava desde novembro de 2016.

Exerce funções na área da museologia desde 2005 tendo sido responsável pela coordenação dos departamentos pedagógicos, de conservação e inventário do Museu de Arte Contemporânea do Funchal, atual (MUDAS.Museu).

Tem participado como preleitora em conferências e palestras no campo da museologia, das artes plásticas, da conservação e do ensino das artes. Desenvolve em paralelo atividade como curadora e investigadora.

Idalmy González González
(UNED Gran Canaria)

La Red de Museos de Canarias: quimera o realidad

La Red de Museos de Canarias fue creada en 2017 como respuesta a la petición del colectivo de profesionales del sector y como resultado del Primer Congreso de Museos de Canarias celebrado en 2016 en La Orotava, Tenerife.

Esta herramienta de trabajo, iniciativa del Gobierno de Canarias, fue puesta en práctica a través de la Dirección General de Cultura y Patrimonio Cultural con el objetivo de garantizar que las instituciones museísticas que formaran parte de dicha red pudieran beneficiarse de ayudas para implementar procedimientos de inventario, acciones para optimizar la gestión, conservación, divulgación de la cultura, digitalización del patrimonio, entre otras.

Sin embargo, las buenas intenciones de este proyecto han tenido como contrapartida la excesiva dependencia de las decisiones políticas, no siempre acertadas, junto a una laberíntica burocracia que ha repercutido negativamente en el cumplimiento de sus objetivos.

Nota Biográfica

Idalmy González González es graduada en Historia del Arte por la Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED).

Máster en Gestión del Patrimonio Artístico y Arquitectónico, Museos y Mercado del Arte, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (ULPGC).

Máster en Relaciones Hispano Africanas, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (ULPGC).

Doctora en Historia del Arte, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (ULPGC).

Ha realizado la catalogación de los fondos escultóricos de Casa África y la catalogación de la colección *Pipino* del Fondo para la Etnografía y el Desarrollo de la Artesanía Canaria (FEDAC). Ha comisariado la muestra “Máscara Migrante” con sede en el Castillo de Mata y en Casa África en 2022. Ha participado en varios congresos y ha publicado artículos. Desde 2018 es tutora de la UNED impartiendo asignaturas en el Grado de Historia del Arte y el Grado de Geografía e Historia.

Aleida Monteiro

(Instituto do Património Cultural de Cabo Verde)

Os museus de cabo verde e a rede de museus de cabo verde - panorama geral

O pulsar do desenvolvimento da museologia em Cabo Verde manifestou-se muito antes da proclamação da sua independência, ocorrida a 5 de julho de 1975. As primeiras iniciativas museológicas remontam aos séculos XVIII e XIX, particularmente às expedições realizadas no arquipélago pelos naturalistas João da Silva Feijó (1783-1797) e Charles Darwin (1832). Ambos deixaram um contributo inestimável para museus, gabinetes de História Natural e jardins botânicos, através de amostras de espécies de fauna, flora e minerais recolhidas nas ilhas cabo-verdianas.

Após este período e até ao século XX, surgiram vários projetos museológicos que, no entanto, não foram concretizados. A efetivação de um museu seria consolidada a partir da década de 1980, com a criação do Museu de Documentos Especiais e do Museu das Telecomunicações. Em 1997, foi inaugurado aquele que é considerado o “pilar da museologia nacional do país”, o Museu Etnográfico da Praia, resultado de um projeto inicial mais amplo que pretendia a criação de um museu de caráter nacional.

Desde então, várias estruturas museológicas – incluindo museus, centros interpretativos e casas de memória – foram criadas em Cabo Verde, totalizando atualmente cerca de 34, das quais 12 estão sob a gestão do Instituto do Património Cultural, através da Direção dos Museus, responsável pela materialização das políticas museológicas a nível nacional.

Paralelamente à criação de museus, tem-se trabalhado no estabelecimento de instrumentos para a regulação e funcionamento das instituições museológicas, com destaque para o Quadro Jurídico de Cabo Verde e a Rede de Museus de Cabo Verde (Lei n.º 124/IX/2021).

Nota biográfica

Aleida Sofia Aguiar Barbosa Monteiro, natural da Cidade da Praia, ilha de Santiago – Cabo Verde, é licenciada em Antropologia, com especialização em Relações Etno-culturais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) - Universidade Técnica de Lisboa (UTL).

Fez várias formações na área dos museus, nomeadamente gestão de museus, curadoria de exposições, marketing e comunicação, entre outras.

É técnica do Instituto do Património Cultural (IPC) desde 2014, tendo sido coordenadora técnica do Museu Etnográfico da Praia, do Museu do Campo de Concentração do Tarrafal e do Museu do Sal, de 2017 a 2023. Foi coordenadora de várias exposições temporárias patentes no Museu Etnográfico da Praia de 2017 a atualidade, e coordenadora do atual projeto museográfico do Museu do Campo de Concentração do Tarrafal. Fez e faz parte da equipa técnica responsável pela elaboração de diversos projetos museológicos e museográficos de criação de diferentes estruturas museológicas do IPC desde 2014 à atualidade.

Participou, enquanto investigadora, no projeto “Património Imaterial de Cabo Verde – Guia Visual” / inventário do património imaterial nacional (2012).

É desde março de 2023 a Diretora dos Museus do Instituto do Património Cultural.

Alexandra Gomes

(Museu Francisco de Lacerda)

A indústria açoriana como elemento unificador cultural: o caso do Museu Francisco de Lacerda.

O Museu Francisco de Lacerda tem na sua génese uma considerável participação comunitária. Surge em 1984, na ilha de São Jorge, enquanto Casa Etnográfica, resultante de esforços públicos do Governo Regional e intenções privadas do Grupo Etnográfico da Vila da Calheta, hoje extinto.

Nos anos 2000, as instalações do museu mostraram-se ultrapassadas, pois apresentavam dificuldades estruturais e de acessibilidade, impossibilitando o desenvolvimento eficiente das funções museológicas da instituição. Em 2020 é concluído o processo construtivo para o novo museu, junto ao cais da Vila da Calheta, no qual reaproveitamento e reconstruíram, em parte, as ruínas da antiga Fábrica de Conservas Marie d'Anjou.

A instalação do museu num antigo complexo fabril ditou a inclusão e desenvolvimento de parte da exposição de longa duração: O Mundo das Conservas; de modo a enquadrar o edifício no seio da comunidade, jorgense e açoriana. A origem e desenvolvimento da indústria conserveira açoriana obedeceu a uma lógica regional em rede, assim rapidamente a investigação assumiu uma perspetiva regional.

O processo e resultado desta parte do projeto museológico só foi possível através da participação pública direta da comunidade regional, aquando recolha de memórias e objetos. O aproveitamento das ruínas, abandonadas há 30 anos, e a sua conjugação com a participação dos cidadãos, que influenciaram diretamente o desenvolvimento do projeto, são fatores fundamentais para um desenvolvimento cultural sustentável, que respeita e eleva a comunidade onde se insere, contribuindo para a preservação da memória e divulgação da cultura açoriana.

Nota Biográfica

Alexandra Gomes dedicou-se ao estudo de património através da frequência no Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) terminando em 2014, com a tese “Os *caes* do sítio da Boavista no século XVIII: estudo arqueológico de estruturas portuárias”. Participou em diversas campanhas arqueológicas, de escavação e laboratório, ao longo do seu percurso académico, em Portugal Continental, Açores e Marrocos.

Em 2015 inicia a sua jornada no Museu Francisco de Lacerda (MFL), museu da ilha de São Jorge, com o objetivo de recolha de memórias e pesquisas documentais sobre a Indústria Conserveira açoriana. Do seu desenvolvimento nasceu o futuro núcleo museológico “O Mundo das Conservas”. Após a efetivação no MFL, em 2018, iniciou-se a preparação da museologia do novo núcleo a par das diversas funções assumidas no seio da instituição: planeamento e criação da programação e divulgação cultural (exposições e eventos), bem como investigações requisitadas.

Ana Maria Gonçalves

(ARTIS – Instituto de História de arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Dicionário de linhas e Tecidos: de Cabo-Verde ao Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.

Esta comunicação explora a interseção entre tradições artesanais cabo-verdianas e a produção contemporânea em Portugal, por meio da tapeçaria e do trabalho com fios e tecidos. A pesquisa emerge das trajetórias de duas licenciadas da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL): Helena Lapas (1940), que aprendeu a bordar na infância e inovou ao desenvolver uma tapeçaria pioneira bordada a grossos fios de lã, Clotilde Fava (1941) que, apesar de iniciar em pintura, optou pela escultura e incorporou à sua prática a herança familiar e as técnicas de tecelagem. Ambas passaram pelas ilhas, certo é que levavam diferentes motivações, certo foi que se encantaram, trabalharam e voltaram.

A experiência das artistas é contextualizada pela importância da cultura cabo-verdiana e da diáspora, evidenciada na fundação da Cooperativa de Produção Artesanal Resistência (1976), na cidade do Mindelo, que mais tarde se consolidou no Centro Nacional de Artesanato (1977-1997) e evoluiu para o Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design (2011). O labor dos fios, expresso no patchwork, revela o potencial transformador da materialidade que une tradição e inovação, memória e resiliência cultural.

O percurso de Helena Lapas, que manteve uma relação contínua com Cabo Verde ao receber tecidos e ao ensinar técnicas locais, culminou na exposição de suas obras no Museu da Tapeçaria d Portalegre, evidenciando a vitalidade da arte têxtil como veículo de expressão e preservação da identidade cabo-verdiana, e destacou as boas práticas museológicas do Museu, pautadas pela promoção do diálogo intercultural e pelo envolvimento com as comunidades de origem.

Nota Biográfica

Ana Maria Gonçalves (1969), Investigadora e Doutoranda do ARTIS – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciada em Educação Social pela ESECS – Instituto Politécnico de Leiria (IPL). Mestre em Ciências da Arte e do Património pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2016). Fez o Curso de Artes dos Tecidos da Escola Secundária António Arroio (1989-1991) e, quanto à Formação Profissional, tem um Curso Industrial de Modelação de Vestuário e outro de Guarda-Roupa de Época, ainda, o CET em Serviço Social e Desenvolvimento Comunitário do IPL. Trabalha na Camara Municipal de Odivelas (2001), escreve e desenvolve projetos que combinam artes plásticas e artes têxteis com o bem-estar/saúde. No Instituto Politécnico de Lisboa (2017-2019), trabalhou nos Serviços da Presidência. Fez voluntariado no Museu Nacional do Traje. No âmbito das suas áreas de investigação – associativismo artístico e tapeçaria contemporânea –, participou em exposições, tem publicado artigos e feito curadorias.

Jorge A. Paulus Bruno

(Museu de Angra do Heroísmo)

A participação dos cidadãos no desenvolvimento sustentável do Museu de Angra do Heroísmo.

O Museu de Angra do Heroísmo tem procurado trabalhar no sentido de se afirmar não só como um lugar de preservação da memória, mas também como um espaço de conhecimento e de fruição, ao serviço do bem-estar dos seus vários públicos. Para tal, promove um programa sistemático de ações ecléticas, que tem como mote os conteúdos temáticos das suas reservas visitáveis, exposições de longa duração e temporárias.

O plano de atividades desenvolvido anualmente contempla as diversas tipologias de frequentadores, estabelecendo como principal objetivo a ligação com a comunidade em que a instituição se insere, embora não descure o seu papel de centro interpretativo ao nível histórico, patrimonial e cultural para visitantes esporádicos, nacionais e estrangeiros.

Neste contexto têm um especial papel os cidadãos e as instituições com quem o Museu de Angra do Heroísmo interage diretamente através do conceito de “residência cultural”, que é um dos fatores essenciais da sua sustentabilidade, não só junto da comunidade onde se insere, como também junto de um público mais alargado de expressão nacional e internacional.

Nota Biográfica

Jorge Augusto Paulus Bruno, licenciado em História, tendo desempenhado cargos de responsabilidade executiva e política, nomeadamente como Diretor Regional dos Assuntos Culturais, Diretor Regional de Segurança Social, Vice-Presidente do Serviço Regional de Proteção Civil e Diretor de Serviços de Organização e Planeamento na área da Saúde, na Região Autónoma dos Açores. No início da sua carreira, desempenhou as funções de Chefe de Gabinete dos Secretários Regionais da Educação e Cultura dos II e III Governos Regionais dos Açores. Pertence ao Quadro de Pessoal de Ilha da Ilha Terceira, na carreira de técnico superior, afeto à da Direção Regional da Cultura e é membro de pleno direito de diversas instituições culturais. Frequentou cursos e ações de formação em instituições regionais, nacionais e estrangeiras, nas suas áreas de especialidade. É autor de vários artigos e apresentou diversas comunicações e conferências, no país e no estrangeiro, nas áreas cultural, de emergência médica, proteção civil, segurança social e ação social.

Tanto no âmbito do desempenho das suas funções profissionais como da sua atividade associativa, coordenou e foi autor de programas museológicos de dezenas de exposições sobre as mais variadas áreas temáticas, bem como dos planos de dinamização cultural realizados no âmbito das mesmas. Assumiu a presidência do IAC-Instituto Açoriano de Cultura de 1990 a 2009 e da “Atlântida – Revista de Cultura” (órgão deste Instituto) vocacionado para a promoção de todas as formas de Cultura. Foi o coordenador do projeto do Inventário do Património Imóvel dos Açores, cuja execução esteve a cargo do IAC-Instituto Açoriano de Cultura com financiamento da

Direção Regional da Cultura do Governo Regional dos Açores. Na qualidade de presidente da Direção do IAC-Instituto Açoriano de Cultura, coordenou a gestão do Projeto Atlântico de Arte Digital (PAAD) e do projeto Chronos (que visou a criação de uma plataforma de e-learning com conteúdos relativos à História e Cultura dos arquipélagos na Macaronésia), que foram executados com financiamento proveniente do INTERREG III-B, Açores, Madeira, Canárias (FERDER), envolvendo parceiros dos arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, no âmbito dos quais o IAC foi “chefe de fila”. Atualmente, é Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Filarmónica de Instrução e Recreio dos Artistas e da Direção do Cine-Clube da Ilha Terceira e do Grémio Atlântico – Associação Cívica, Cultural e Solidária. Exerce, desde 2005, as funções de Diretor do Museu de Angra do Heroísmo, interrompidas no período de 26 de outubro de 2009 a 26 de novembro de 2012, durante o qual assumiu o cargo de Diretor Regional da Cultura do X Governo dos Açores.

Em 2024 foi distinguido com um prémio de mérito profissional na área da museologia, atribuído pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e, em consequência, foi objeto de um Voto de Congratulação aprovado pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores pela distinção atribuída, “reconhecendo o mérito, o empenho e esforço em prol da cultura nos Açores, em geral, e na ilha Terceira, em particular”.

Yolanda Peralta Sierra
(Universidad de La Laguna)

Repensando la museología desde la perspectiva de género: ejemplos en los museos y centros de arte de canarias.

Los museos son lugares para conservar el patrimonio, para transmitir memoria, pero también son espacios para la crítica, la reflexión y el debate. ¿Cuál es la función social de los museos y centros de arte en el siglo XXI? Si nuestra sociedad avanza a favor de la igualdad, los museos no pueden quedarse atrás. Los museos y centros de arte deben contribuir a la construcción de sociedades más justas e igualitarias, más plurales y más incluyentes, incorporando una perspectiva inclusiva que tenga en cuenta todo tipo de diversidades.

¿Qué han hecho los museos y centros de arte de Canarias para contribuir a la igualdad? ¿Qué acciones han puesto en marcha para poner en valor el respeto a la diversidad? ¿Cómo han incorporado la perspectiva de género en la gestión y en el funcionamiento interno de los museos, en las prácticas diarias de los profesionales que trabajan en ellos? ¿Cómo han promovido la igualdad de acceso de hombres y mujeres a los bienes y servicios culturales que ofrecen los museos? ¿Cómo han incorporado las narrativas y discursos feministas como elementos críticos de análisis? ¿Cómo han paliado la invisibilización de las mujeres en los museos? ¿Cómo han repensado los productos culturales desde la perspectiva de género?

Esta comunicación tiene como objetivo principal propiciar la reflexión de los/as profesionales de los museos sobre la aplicación de perspectivas inclusivas en sus campos de acción profesional, a través de ejemplos en los museos y centros de arte de Canarias.

Nota Biográfica

Yolanda Peralta Sierra es profesora del Departamento de Historia del arte y Filosofía de la Universidad de La Laguna, institución en la que imparte las asignaturas *Teoría del valor en las colecciones museológicas* y *Museología, exposiciones y mercado del arte*. Fue docente en el *Máster de Museología y Gestión Cultural* (ULL y Organismo Autónomo de Museos y Centros del Cabildo Insular de Tenerife) entre los años 2008 y 2010. Durante 10 años (2008-2018) fue conservadora jefa en TEA Tenerife Espacio de las Artes, museo y centro de arte dependiente del Cabildo de Tenerife. Estuvo vinculada al Museo de Historia de Tenerife dentro del proyecto *Servicio de dinamización de infraestructuras expositivas y museos* (1998-1999).

Se formó en museología asistiendo a diversos cursos, entre los que cabe citar *El funcionamiento del museo* (Organismo Autónomo de Museos y Centros del Cabildo de Tenerife, 1997), *Dinamización de infraestructuras expositivas y museos* (Organismo Autónomo de Museos y Centros del Cabildo de Tenerife, 1998) y *Patrimonio y Museos* (Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio CICOP-España, 1999), entre otros.

Entre sus publicaciones sobre museos, museología y perspectiva de género destacan: “Los museos como herramientas para la transformación social: educación, museos y perspectiva de género” (Editorial Dyckinson, 2020); “El patrimonio en femenino:

mujeres artistas en los museos, centros de arte y colecciones públicas de Canarias” (en Revista *M Arte y Cultura Visual*, 2019); “Mujeres, museos y canon” (en *El retorno de las musas. Ficciones y reflexiones desde el museo*, Editorial Mercurio, 2017).

Entre sus conferencias e intervenciones públicas sobre museología y género se encuentran las siguientes: *El patrimonio artístico femenino: ejemplos de prácticas para su difusión desde la perspectiva de género* (MACEW Museo de Arte Contemporáneo Eduardo Westerdahl, Tenerife, 2024), *Miradas a la colección del CAAM con perspectiva de género* (CAAM Centro Atlántico de Arte Moderno, Las Palmas de Gran Canaria, 2024); *El museo como Freak show* (MIAC Museo Internacional de Arte Contemporáneo de Lanzarote, 2019); *Museos, género y sexualidad* (Centro de Arte La Regenta, Las Palmas de Gran Canaria, 2018). Ha participado en numerosas mesas redondas, entre las que destacan: *Revisitar las colecciones* (con Juan Antonio Reyes y Fernando Estévez en el Museo de Bellas Artes de Santa Cruz de Tenerife, 2015) y *Resistencias de género. Ópticas curatoriales dentro y fuera del museo* (con Margarita de Aizpuru, Facultad de Bellas Artes de Sevilla, 2014).

Miembro titular representante de la Universidad de La Laguna en el Consejo de Patrimonio Histórico de Canarias del Gobierno de Canarias, en la Ponencia Técnica de Museos y Bienes Muebles (desde 2018).

Formó parte del Comité Científico del I Congreso de Museos de Canarias (Tenerife, 2016).

Rita Rodrigues

(Direção regional da Cultura da Madeira)

Contribuição de investigadores externos aos museus (regionais): Construção e cruzamentos de saberes.

Urge clarificar e estender o conceito de sustentabilidade cultural, tendo em conta que a cultura, no seu sentido mais lato e abrangente, é parte integrante de todo e qualquer desenvolvimento sustentável. A cultura, no âmbito das suas memórias materiais ou imateriais, do passado ao presente, é, indiscutivelmente, um pilar da sustentabilidade cultural. Como afirmou o musicólogo Rui Vieira Nery, antigo Secretário de Estado da Cultura (1995-1997), «Uma coisa que está clara em toda a Europa é que não há desenvolvimento económico e social sustentável sem uma componente cultural decisiva.» (2009). Esta relação, se bem articulada, num cenário convergente de interesses políticos e sociais, irá permitir que qualquer «governo progressista coloque inequivocamente a Cultura no centro de uma estratégia de aprofundamento da democracia e de desenvolvimento social e económico, harmónico e sustentável.» (2022), como defendem Rui Vieira Nery e José Sasportes, este último antigo Ministro da Cultura (2000-2001). Refira-se que tendo o foco na humanidade e no planeta, a ONU aprovou a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, considerando também as evidências dos projetos culturais e a capacitação (e capitalização) de profissionais e / ou organizações do sector cultural.

Contribuindo para a sustentabilidade cultural, considera-se que as instituições museológicas regionais – espaços de memórias e lugares de conhecimentos – devem estar abertas à colaboração de investigadores externos aos seus quadros, uma espécie de “historiadores do outro lado do balcão” (Benito Bisso Schmid, 2008). Cumprindo regras estabelecidas e cogitando valores éticos e deontológicos irão contribuir para um aumento significativo da investigação (profissional) e divulgação dos acervos documentais, históricos, artísticos e museológicos. Se a sociedade contemporânea vive, em parte, seduzida pela memória (Huys, 2000) e por uma intensa e ambiciosa busca das suas raízes e identidades (Hartog, 1997), faz cada vez mais sentido a mobilização de parcerias intelectuais, que não se sobreporão às funções dos museus, nem às suas equipas técnicas (Lei n.º 47/2004 – Lei Quadro dos Museus Portugueses).

Nota Biográfica

Rita Rodrigues é Doutorada em ESTUDOS INTERCULTURAIS (2013) e mestre em HISTÓRIA / VARIANTE HISTÓRIA DA ARTE (2000), pela Universidade da Madeira; licenciada em ARTES PLÁSTICAS / PINTURA pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1986). Foi Bolseira da SRE/DRAE e do CITMA para desenvolvimento da tese de doutoramento (2007 a 2010). É investigadora integrada do Centro de Investigação ARTIS e AZ-Rede de Investigação Azulejo do Instituto de História da Arte / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e membro do CIERL – Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. Desenvolve investigação na área património cultural da Madeira, séculos XVI a XIX, e a sua encomenda artística, com obra publicada em livros, roteiros, guias, dicionários,

VII Encontro de Boas Práticas Museológicas: os Museus da Macaronésia em Rede

revistas e catálogos (regionais, nacionais e internacionais). Estuda a arte contemporânea em contexto regional. Foi co-curadora de exposições de artes plásticas (Madeira) e museográficas (Madeira e Lisboa).

Como artista plástica expõe, coletivamente, desde 1987, contando com três exposições individuais (2007-2008 e 2025-2025).

Encontra-se em regime de requisição na Direção Regional da Cultura (Madeira), desde 2015, onde foi chefe da Divisão de Estudos do Património, entre outubro de 2020 e Dezembro de 2024.

Teresa Lousa

(CHAM – FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, CIEBA – FBAUL)

Museologia de Género: Da Teoria à Prática – O Legado de Lurdes Castro no MUDAS.

A museologia de género surgiu em 1980 e 1990, impulsionada pelos estudos feministas e pela nova museologia que denunciaram como os museus moldam narrativas, silenciando as mulheres, através da sua exclusão. Acções provocativas como as do colectivo de artistas Guerrilla Girls, *"Do Women Have to Be Naked to Get Into the Met. Museum?"* (1989), surgiram a partir desse movimento, dando mais visibilidade à injustiça. A partir de 2000 foi-se ampliou a pesquisa sobre representação feminina nos museus, e surgindo guiões e linhas de actuação, onde se reafirmam diretrizes para integrar essa perspetiva em instituições culturais.

Nesta apresentação, destaco a exposição *Como uma Ilha sobre o Mar: Lurdes Castro*, no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, com curadoria da diretora do museu, Márcia de Sousa. Realizada após sua morte, a mostra homenageia sua trajetória e celebra a sua longa vida dedicada à arte.

"Como uma Ilha sobre o Mar: Lourdes Castro" resgata imagens persistentes da artista e do seu enraizamento na ilha, iconografias que sintetizam o seu mundo habita a ilha com ímpar criatividade: pintura, serigrafia, assemblages, desenho, tapeçarias, bordados da Madeira, objectos pessoais: a exposição reúne mais de 300 obras de diversas instituições públicas e privadas.

A abordagem biográfica e afetiva da exposição segue princípios da museologia feminista, contextualizando o processo criativo da artista e resgatando a sua memória. A sua obra dialoga com temas de género fundamentais: identidade, corpo e efemeridade. Esta exposição exemplar pode influenciar futuras decisões curatoriais no reforço da representatividade feminina nos museus.

Nota Biográfica

Teresa Lousa (Lisboa, 1978) é doutorada em Belas-Artes pela FBAUL (2013). Actualmente, integra o grupo Arte, História e Património como investigadora do CHAM. Neste centro de investigação foi coordenadora do Grupo Ibero-Americano (2020-2022) e coordena o seminário permanente "Modos da Melancolia" com o colega Adelino Cardoso. É Professora Auxiliar do grupo de Ciências da Arte e do Património na FBAUL desde 2009, onde leciona cadeiras teóricas e se tem especializado em pesquisa artística com a docência da cadeira de Metodologias de Investigação aos diferentes Mestrados da FBAUL. Nesta instituição tem orientado teses de mestrado e de doutoramento. É Coeditora da Revista Indexada *Art&Sensorium* - UNESPAR. Tem apresentado Comunicações em Congressos a nível nacional e internacional em diversas cidades. Publica regularmente artigos em revistas indexadas e Open Access com temas de investigação que exploram as relações entre Arte, Imaginários, Melancolia, Morte, Género, Antropoceno, Eco feminismo e Arte-Terapia.

Maria João Baptista Pacheco da Silveira
(Museu Carlos Machado)

No caminho da inclusão.

O serviço de mediação e interpretação do Museu Carlos Machado, museu que se distribui em edifícios seculares e cujas barreiras arquitetónicas são muitas vezes intransponíveis, tem desenvolvido uma série de atividades com públicos com necessidades especiais por forma a colocar este serviço de cultura no caminho da inclusão.

Uma vez que a acessibilidade física é um grande entrave tanto pela antiguidade dos edifícios como pelos poucos orçamentos de que o Museu dispõe, todos os trabalhos da equipa têm-se desenvolvido em torno de uma oferta pedagógica variada e adaptada às características dos públicos com quem o Museu tem trabalhado.

Esses projetos desenvolvem-se por forma a trabalhar o conhecimento, a memória, a motricidade fina e grossa. Por este motivo são divididos em várias ações, muitas vezes dentro e fora das portas do Museu o que também proporciona a empatia, a proximidade entre a equipa do SMI e os públicos em questão.

Aos poucos, todos os anos acrescentamos novos públicos, com outras necessidades, repatriados, emigrantes, associação de Alzheimer por exemplo.

O que se pretende nesta comunicação é dar a conhecer aos colegas presentes como tem sido o nosso percurso rumo à inclusão mostrando algumas atividades, contando histórias reais, e resultados positivos.

Não esqueçamos que todos nós em algum momento da nossa vida tivemos necessidades especiais.

Ainda há muito a fazer e muito que não depende do museu, mas de uma sociedade que se quer inclusiva, mas não o é.

Nota Biográfica

Maria João Baptista Pacheco da Silveira nasceu a 30 de abril de 1972. Natural de São Miguel, casada, mãe de dois filhos e funcionária deste Museu há cerca de 27 anos. Comecei a minha vida profissional como coordenadora do centro de documentação do Museu Carlos Machado, mas aos poucos fui-me introduzindo no SMI deixando aquele serviço a cargo de outro colega.

Sou formada em história pela universidade. Considero-me comunicadora por natureza, e gosto do contato com pessoas por isso a minha transferência para o SMI.

Nos meus tempos livres sou artesã, trabalho artesanato típico dos Açores, em folha de milho.

Foi o prazer pela comunicação e pelas artes que me fez aproximar do serviço que hoje desempenho. Hoje sou, dos três elementos que compõem esta equipa, a que coordena a área dos públicos com necessidades especiais.

Sobre as funções que desempenho tenho estudado muito pela internet, por livros, pelo contado e interagido com os colaboradores das associações com quem trabalhamos e sobretudo com os clientes para quem desenvolvemos as atividades.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Museu Carlos Machado (Núcleo de Arte Sacra)

25 DE OUTUBRO DE 2025

João Neto
(APOM)

A Alice do País das Maravilhas e os Caminhos da Museologia.

Nota Biográfica

Presidente da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) desde 2001 e Diretor do Museu da Farmácia em Lisboa.

Licenciou-se em História pela Universidade Lusíada, com pós-graduação em Direito do Património pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Desde os anos de 1980, idealizou e fundou o Museu da Farmácia , inaugurado em 1996. Sublinha-se a sua atuação como diretor deste museu, que assume desde a sua abertura.

É presidente da APOM desde 2001, sendo figura central na evolução da organização, voltada para a capacitação e valorização profissional da museologia em Portugal.

Experiência extensa em, e compreensão de, História da Saúde e da Farmácia e Museologia. Isso foi desenvolvido ao longo de mais de 26 anos, trabalhando tanto em Portugal quanto internacionalmente. Juntamente com entusiasmo e compromisso, teve a capacidade de construir e liderar (como Diretor) dois museus internacionais dedicados à História da Saúde e da Farmácia em Lisboa e no Porto, e a estratégia dos museus, que envolvia: aquisição de coleções internacionais, exposições, escavações, programas de conservação e intercâmbios académicos. Uma perspectiva global que trouxe um valor significativo para a museologia da saúde e da ciência e para a sociedade.

Organização

**CMPD – Câmara Municipal de Ponta Delgada / Museu Hebraico Sahar
Hassamaim**

CHAM – Centro de Humanidades / UAc

BAM – Biblioteca, Arquivo e Museu da UAc

MCM – Museu Carlos Machado / Direção Regional da Cultura

MMA – Museu Militar dos Açores

Comissão Executiva

Duarte Nuno Chaves – CHAM Açores

Carolina Rego –Gabinete da Reitoria da UAc

Joana Martins – CHAM Açores

Helena Melo – Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

Delfina Mota – Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

Francisco Macedo – Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores

Pedro Monteiro –Gabinete da Reitoria UAc

**Ilha de São Miguel
Açores, 2025**

A responsabilidade pelo conteúdo dos resumos é única e exclusivamente dos autores.

Este livro de resumos não poderá ser reproduzido ou transmitido em qualquer formato ou por qualquer meio, sem autorização prévia da Comissão Organizadora do VII Encontro de Boas Práticas Museológicas Os Museus da Macaronésia em Rede.